

ILUSTRAÇÃO

N.º 210 — 9.º ano



INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS
O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária
Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura - Em virtude do aumento dos portes do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SALÕES DE ESTETICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTIFICOS

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA
A. DA LIBERDADE 35 TELEF. 21866

Grande sucesso literário:

À VENDA O 5.º MILHAR

JÚLIO DANTAS

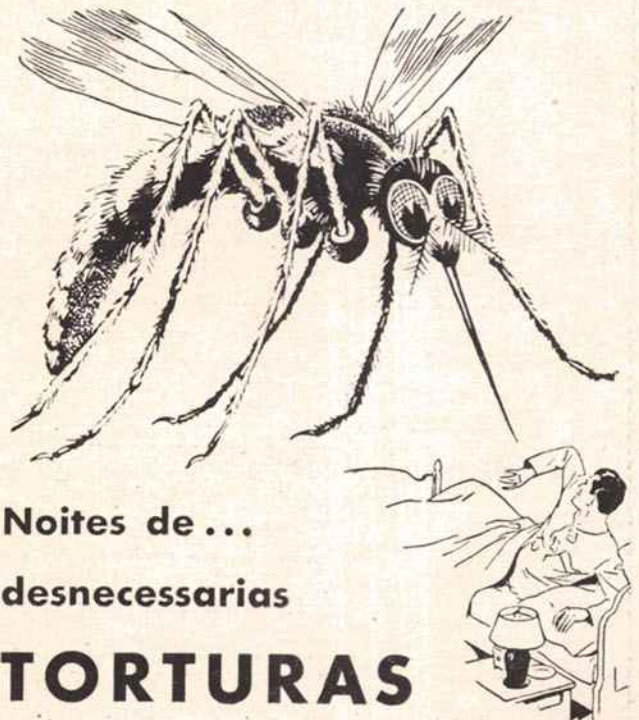
AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS - Pan e as mulheres - As inimigas do homem - Terceiro sexo - Jus sufragil - A mulher diplomata - As ideias de Madame Agata - A mulher soldado - Delegadas a Génèbra - As calças de Eva - O eleitorado das avós - A mulher jornalista - O problema do amor - Núpcias em avião - Os pais-amas - O exemplo da China - Gentlemen prefere blondes - As revolucionárias do golf - Jurisconsultos de sáias - Eva standardizada - As sinistradas da beleza - É preciso ser bela para ser feliz? - Mademoiselle Zuca - A idade dos joelhos - Nudistas - A dama do pijama verde - As : : : : : amigas do homem : : : : :

1 volume de 312 páginas, brochado ... 12\$00
encadernado ... 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA



Noites de ...

desnecessarias

TORTURAS

Mate os mosquitos com **FLIT**

O suplicante zumbido do mosquito anuncia uma noite de torturas. Mas para que sofrer sem necessidade? O FLIT dará conta deste flagelo. Não espere eguaes resultados de quaesquer imitações. Certifique-se de que compra realmente o FLIT, recusando todos os productos similares. O FLIT pulverizado não mancha. Exija a lata amarela com o soldado e a faixa preta.



Exija FLIT

Recuse todas as substituições

O JÓGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

ESTÁ À VENDA O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1935**

36.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses
e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade
nestes assuntos

Encontra-se à venda em tódas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 524 gravuras
cartonado... **10\$00**

Encadernado luxuosamente... **18\$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.ª edição), 1 vol enc 13500. br. . 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirã dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neuriatra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que atrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol enc 12500; br. . 7\$00

Luz perpetua — 1 vol enc 12500; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcay (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nos romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc 13500; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol enc 17500; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espiritual em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampato*.

Por terras estranhas — 1 vol br. 4\$00

Manual de Medicina Doméstica, indispensável em todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, proiu-samente ilustrado, encadernado em percalina. 35\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado 10\$00

DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs., brochado 10\$00

D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado... 12\$00

D. SEBASTIAO — 464 págs., brochado 14\$00

ESPAÑA — Nova edição no prelo

JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado 12\$00

LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado 12\$00

O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch. 3\$00

RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado 12\$00

SENHORA DO AMPARO — 292 págs., brochado 12\$00

TOLEDO (Impressões e evocações) — *Índice*: Viagens —

A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e

callejones," A Alcáçova da Saúdade — As "Sabatinas," na

catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana —

"El greco" — En "San Juan de los Reys," — Conventos

— A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida —

Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite —

Volta — 226 págs., brochado 10\$00

O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico.) — 1 vol. com 345 páginas, brochado 10\$00

Eurico, o presbítero, (Romance.) — 388 páginas, brochado 10\$00

O monge de Cister, (Romance.) 2 vols. com 716 páginas, brochado 20\$00

Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado 20\$00

História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos.) — 8 vols., brochado 96\$00

Estudos sobre o casamento civil — 284 páginas, brochado 10\$00

História da origem e estabelecimento da Inqui-sição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado 30\$00

Composições várias — 374 páginas, brochado 10\$00

Poesias — 224 páginas, brochado 10\$00

Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado 20\$00

Opúsculos:

Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas

> II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas

> III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas

> IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas

> V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas

> VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas

> VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas

> VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas

> IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas

> X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas

Cada volume, brochado 10\$00

Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado 12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado 5\$00

ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado.. 12\$00

ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os

pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande

Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado 12\$00

FILHAS DE BABILÓNIA Duas novelas: Olhos deslumbrados

e Maga.) — 320 págs., brochado 12\$00

O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs.,

broch. 12\$00

JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias.

Contos: A Catedral de Cordova, A inversão senti-

mental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal,

No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do

bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) —

328 págs. brochado 12\$00

TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado 12\$00

VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado 12\$00

A BATALHA SEM FIM (Romance — 308 págs., brochado... 12\$00

AS TRÊS MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs.,

brochado 10\$00

MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado 12\$00

É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, —

304 págs., brochado 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



As boas donas de casa economizam usando Corn Flakes

Economia e valor alimentar são características dos Corn Flakes KELLOGG'S. Estes flocos sempre tostadinhos são deliciosos para o pequeno almoço. Servem-se directamente do pacote para o prato, e cada pacote dá para muitas vezes. É um alimento que satisfaz e além disso leve e de fácil digestão. Explêndido para as crianças que estão crescendo, e um acepipe para os adultos. Com os Corn Flakes prepara-se imediatamente uma refeição com leite ou nata.

Kellogg's CORN FLAKES



A venda nos bons estabelecimentos — em pacotes verde e vermelho.

DISTRIBUIDORES:
FIGUEIRA & ALMEIDA
Rua da Madalena, 88
LISBOA

750

ALEXANDRE HERCULANO

Scenas de um anno da minha vida

E APONTAMENTOS DE VIAGEM

Coordenação e prefácio DE

Victorino Nemésio

1 vol. de 324 págs., broc. 12\$00
encad. 17\$00

Pelo correio á cobrança, mais 2\$00

Pedidos à

Livraria Bertrand
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens. — — — —

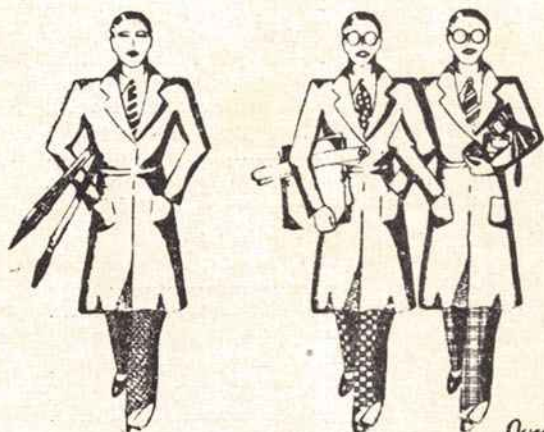
MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES



Aguiar

TELEFONE **BERTRAND**
2 1368 **IRMÃOS, L. DA**
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado
6\$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA
Telefone 2 2074

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

SE lhe doer o dente não vá ao dentista. Mesmo se quiser engraxar os sapatos, ou cortar o cabelo não procure os artífices respectivos. Nem sequer se lembre de morrer porque se arrisca a não encontrar coeiro que o enterre. Tem de esperar para Outubro. Neste mês de Setembro Lisboa é a cidade submergida. Vive ou morre sob as ondas.

Não está o senhor doutor, nem o senhor ministro, o senhor porteiro, a senhora serviçal. Apenas se acha em funcionamento o senhor apontador da água e do gaz para lhe cortar os tubos e declará-lo caloteiro no caso de topar a casa fechada. É a única personalidade que não reconhece o mês morto, vazio, insípido, destinado a desaparecer do calendário lisboeta. Para o resto dos entes, órgãos, actividades, o preceito fez a sua reputação e só falta metê-lo no código. O tendeiro e o talho não mandam receber a conta, nem o alfaiate, o médico, ou advogado por saberem que lhes ficaria mal, ou que não realizariam o intento. Parece que nem a polícia prende por falta de gatunos e desordeiros também ausentes nas praias e campos, onde procedem ás suas curas respectivas.

Constantes e indiferentes ao hábito que domina o habitante da capital só as moscas. Dessas nem uma arredou. Ficaram to'as, sempre afanosas, diligentes nas suas ocupações. Cumprem a rigor o dever que o destino lhes impôs de morder, chupar, importunar o homem, para castigá-lo dos muitos pecados que comete durante o inverno. E como lhes faltam os retirados no veraneio, distribuem pelos que ficam o total da penitência. Assim acontece aos teimosos que não respeitaram a norma estatuida de saír, aguentarem com um milhão em vez das mil que lhes pertenciam.

Não têm razão de queixa. Se não cumprirem a lei sagrada da vilegiatura paguem com língua de palmo.

A nossa Câmara solícita e magnânima cultiva no Campo Grande, em montureira adrede preparada, insectos para todos os munícipes se divertirem nas tardes longas do verão com seu adejo grácil. Não é sua a culpa se no melhor da festa muitos desaparecem. Gosam-na os restantes por junto, talvez sujeitos a maior contribuição pela vantagem, o que de certo modo se apresenta justo, pois mais deve pagar quem habita doze do que quem habita onze meses a cidade.

Óra aqui está como se procede á cura geral, mesmo a escrever a crónica da quinzena. Para consegui-la não é preciso ir ás Pedras, á Figueira ou á Curia. Com a pena também se consegue realizar o

CRÓNICA DÁ QUINZENA

tratamento prescrito, universalmente procurado por quantos se retiram para muitas léguas do Rocio. Vem a ser o repouso pleno da inteligência, ou trinta dias de estupidez macissa com sete palmos de comprimento, tal o remédio que se toma em serras e praias, casinos e esplanadas de Portugal e fora d'êle.

Dir-se-á que, para alcançá-lo, poucos necessitam de sair, porque durante os onze meses de Chiado e Rua do Ouro êles e elas não cessam de usar semelhante medicina.

Não é bem assim. A estupidez à beira mar, ou junto das fontes de água mineral difere muito da outra de trazer por casa, na repartição ou nas ruas da Baixa. Adquirem forma e ondulação especial as asneiras soltas debaixo do toldo, ou à sombra do plátano, particularmente ao serão, em noites de luar.

O desembargador é o general recordam a mocidade, recitam os versos perpetrados no ardor da mocidade, cantam á guitarra, ou consomem horas a reformar a filosofia, as ciências exactas, a política, com sanha mais atrevida que a do seu natural.

Aproveitam para expôr os dados biográficos notáveis, os ditos vigorosos, os sonetos reveladores que bons críticos consideraram um dó não multiplicar.

*Nessa tarde de sol abrasador
Em que na areia puz teu lindo nome*

Sabe-se que «abrasador» rima com «amor» e nome com «fome». O general de cavalaria conta o êxito obtido pela poesia auxiliada por excelentes dotes corporais. O desembargador não teme o confronto e narra os seus triunfos, no tempo em que andou de capa negra, rotinha e cabeleira ao vento.

A seguir, provocados pela humidade, agitação do ar, temperatura abrem discussão sobre a metereologia, falta de calor, de chuvas, excesso de ventanias, condição que suas peles resequidas e mal irrigadas não aturam de bom grado.

E como o general de cavalaria noutros tempos leu as primeiras letras da matemática e o desembargador mexeu com a metafísica despedem pelo espaço infinito á cata de motivos explicadores do fenómeno.

Um culpa as ondas hertzianas que deram em vadiar pelo eter. Outro refere umas obras importantes dos americanos que desviaram as correntes marinhas. Vai o primeiro retruca com os fios de alta tensão.

O abade de Cantagalo, hesitante, mete o parecer dos insondáveis designios da Providência. O general desaprova; acha que o facto deve provir da asneira dos homens e não da vontade de Deus. «Êsse tem mais que fazer para se ocupar com a chuva e o sol».

Nessa altura o agricultor das Chedas que se mantivera calado a ouvir os sábios, larga também a sua. Acha que o transtôrno deve provir do abuso cometido com a plantação do eucalipto. Espetaram-no por tôda a parte aos milhões. Há florestas sem fim cada vez maiores, bastantes para estragarem o clima. Arvore daninha como outra não existe. Bebe a água, afugenta a electricidade. Só dá prejuízos. Estraga a terra, chama a fome e a ruína. No tempo do pinheiro não era assim.

O abade, com sua tineta rural aprova a conjectura. Juiz e militar discordam.

O lavrador insiste e põe argumentos. — Já viram um eucalipto fulminado pelo raio? Eu nunca vi. E pinheiros aparecem por tôda a parte com o golpe que lhes dá morte. Sinal de que atraem e portanto bolem com a electricidade mãe da chuva, reguladora do tempo.

O auditório esmorece em silêncio de possível concordância. E então não tarda o tratamento de arquijsumentalidades para estes e aquêles, a quem competia fazer com que chovesse e fizesse calor a horas, no tempo próprio, com que nas estradas deixasse de haver poeira, com que as moscas não tivessem azas.

É assim que se cultiva a estupidez salutar, de fazer bem ao fígado e ao baço, retemperar os nervos, lavar o sangue das impurezas adquiridas em onse meses de trabalho, ou de bocejos pelas esquinas do Chiado e arredores.

Bem entendido que essa medicina como outras do mesmo género precisa de objecto material a que se agarre, líquido amarelo, pílula, unguento. Para isso serve a água de uma fonte, o sol, o banho salgado, ou o cacho de uvas tomado com a devida fé.

Uma bôca prestigiosa bastaria para fazer acreditar que a ventura profilática se obtem com chá de cabeças de mosca do Campo Grande.

Aqui fica a ideia para o Senado Municipal aproveitar a bem da sua finança e prestígio da grande obra da montureira, onde pratica a cultura intensiva do interessante excremento alado.

Samuel Maia.



O palácio de Luxemburgo, em face do qual se estende o belo jardim do mesmo nome

FUI ao Père-Lachaise. Antes lá não tivesse ido: — era uma desilusão a menos no *Deve e Haver* da minha conta corrente de impressionista. E ainda bem que lá fui, afinal: — pude uma vez mais verificar que nem tudo na minha ignorada terra é tão mau que não haja pior na festejada terra alheia.

O *Père-Lachaise*, no que respeita ao aspecto de conjunto, em confronto, por exemplo, com o cemitério lisboeta dos *Prazeres*, oferece-nos o sensível contraste do bravo silvestre medindo galas com o hórto de trato atento e cuidadoso.

As ruas e as casas dos mortos do cemitério dos *Prazeres*, nem de longe recondem a Arte corrente nos cemitérios de Génova ou de Pisa, ou mesmo de Paris: — mas, pelo menos são tão claras, tão aseadas de rosto e tão prontas no sorrir, que seriam de facto o prazer dos vivos se não envolvessem a certeza dos vermes e o mistério do além. Quasi me convenço de que foi o ar hospitaleiro das necropoles lisboetas e não o amor ou a miséria, que conferiu fôro de epidemia ao "colera" do suicídio. Perturbado pelo seu alvo sorriso, o indígena tornou-se descrecente dos sinistros esgares da morte.

No *Père-Lachaise*, pelo contrário, tudo sôa a húnebre pregão. Fóra da manha de finados, em que o culto dos mortos se expande, transformando em opulentos jardins os cemitérios parisienses, tudo aquilo lembra o *memento homo* dos officios d'alma. Os jazigos todos negros. Muitos a esburoarem-se, cariados e pó-dres. Multíssimos com bambinelas de teias de aranha nas janelas e portas, bambinelas de escumilha fingindo crepes de luto. Sôbre o negrume viscoso da pedra e do ferro soluça o fatalismo do pó, cinza e nada em que mergulham as formas transitórias. E no chão empedrado, por onde correm e se encontram avenidas e aléas, — e donde a visita se debruça sôbre a cidade sedutora, gigantesca e fluida, a espreguiçar os braços pardos de Notre-Dame, a altear a cabeça coroadada dos Inválidos — as folhas das acícias, as folhas dos plátanos, amontoadas aos milhões, lembram o fruto trágico de renhida batalha.

Não fosse a arte fulgurante dos es-

mestres do cinzel: — e aquilo seria desolador que nem destroços de enxurrada em campo que deveria ser viçoso vergel de relvas e flores.

E o *pourboir*, sempre o *pourboir*, porque se pergunta ao guarda se o caminho é para cima, porque se inquire do fiscal se a saída é para baixo.

Ah, não o duvideis! As nossas melhores viagens, as mais rápidas, as mais baratas, as mais cómodas, as únicas sem cidades... ainda são as de cinema. Porque, longe de nos queimarem cheques e ilusões, acrescentam-nos seivas e frescôres de creença.

Mas nem só sensações desagradáveis nos seguem através do *Père-Lachaise*.

Já me referi a uma impressão lisboeiga: — a dos monumentos em honra dos que morreram. Vou referir-me a outra não menos afável: — a da ternura dos vivos anónimos pelos mortos célebres.

Encontro um dos documentos mais comoventos dessa ternura diante do jazigo de Musset.

Jazigo modesto, a roçar pela humildade franciscana, por isso sem nada de comum com o laudatório monumento da *Comédie*. Apenas um estrado de pedra, uma coluna



George Sand, segundo um retrato do pintor Delacroix

cultores — o grande monumento

Aux-Morts, mão de obra de Bartolomé e Farmigé, com as suas vinte e três figuras doloridas representando o mais impressionante drama simbólico; não nos afagassem os sentidos o admirável Sergget Hof de Bartholdi, a vasta hierarquia dos notáveis erguendo-se dos túmulos ao milagre dos divinos

Recordações de viagem e no Luxembourg

quadrangular, e ao de cima, o busto pensativo do Poeta.

O da autora do *Indiana*, nas costas dêste, tem outra solenidade. George Sand, sentada na sua cadeira, não mexe uma prega do vestido no receio de acordar o camarada.

Sôbre a pedra tumular do autor dos *Provérbios* encontro flôres e restos de flôres. A um lado camélias da última estação: — murchas e tristes. Do lado oposto violetas de muitos meses: — descoloridas e amarfanhadas. Ao centro, encostadas à coluna iluminada pela cabeça do Visionário, como a auscultarem o coração amarável que ali as trouxe, rosas frescas, rosas brancas e encarnadas, a frescura a dizê-las colhidas nessa manhã.

A alma feminina da França, a alma eterna do Amor, nesta era turva de animalismo, ajoelhada, de mãos postas, no altar dum dos seus oragos.

Aos meus olhos evocadores, húmidos de comação, animadas e môças, entremostrom-se as eleitas de Musset. Vejo, nítida, Mimi Pinson, a de rosto oval e névoas fatídicas nas olheiras. As sedutoras de *Les Confessions d'un enfant du siècle* brilham como joias no engaste de colar. M.^{me} de Parves e M.^{me} Delaunay, M.^{me} Emeline e M.^{me} Godeau, as sensuais de *Les Deux Maîtresses* e as românticas das *Poésies Diverses* fulguram como chamas de fogos-fátuos. E vão-se levemente abeirando do túmulo, vão-se dando irrmãmente as mãos, teoria baluçante de pitonisas de friso grego, dançando e ajoelhando, resando e cantando, em louvor do Bem-Amado dout'ora e de sempre, com ramos de flores, confidências e evocações.

Afirmo-o sem receio, quasi o jurava aos Santos Evangelhos: — as rosas dessa manha eram o penhor da gratidão eterna da última mulher e dar-lhe a vida juvenil do coração, a última a quem o Poeta deu a vida perpétua duma página. É capaz de viver ainda, em corpo e alma, êsse remoto serzinho de encanto e sacrificio, então no viço das rosas encostadas à coluna, hoje murcha como as camélias caídas na pedra. Mas se não vieram dessa, isso juro-o de certeza, trouxeram-lhas essas fiéis herdeiras do amor divino que em todos os credos e em todas as idades tornam possíveis deuses e religiões.

Deixo a sepultura de Musset. Sigo para a álea da direita. De frente, surge-me um pedestal. No tópo alteia-se cabeça imperativa de orador ou estadista.

— Quem é?

Aproximo-me. A carie comeu a legenda na base de calcáreo. E hesito, e encollo-me, e não pergunto mais...

— na momentânea perturbação do *pourboir* a atribuir a um morto...

— Mas, visitar Paris, não é só comungar no Louvre — catedral de Beleza que explicaria de sobejo, se outros factores não entrassem na contenda, o fetichismo francês pelo primeiro Napoleão. Visitar Paris não é só dispendir dias e noites na viagem à roda do mundo dos salons nacionais e internacionais: — onde nós, portugueses, maguadamente verificamos só de longe a longe pertencer a este mundo. Visitar Paris não é só reverenciar o cinzel hercúleo de Rodin, assistir à Ópera, arruinarmo-nos nos *magazins*, prestar-mos vassalagem à Rue de la Paix, percorrer-mos as vias do *Père-Lachaise*. Visitar Paris é também conhecer a cidade do ar livre, verificar a freqüência dos seus logradouros públicos, entrar nos seus jardins, observar o seu amor pela Natureza, aspirar o seu culto pelas flôres.

Porisso, atravesso da margem direita para a esquerda, e caminho na rota dos jardins do Luxembourg. Porisso me conservo horas e horas no convívio dos arvoredos amigos e das longas avenidas cismadoras.

O mais curioso, porém, nestes grandes jardins históricos é que as crianças quasi nos não deixam ver as flôres. Parece mais um viveiro de bebês do que um horto consagrado às espécies florescentes. É este, mesmo, o único ponto da França onde sinto vibrar a alma canora da pequenada: — tão comunicativa, tão sugestiva, que, ao entrarmos por qualquer dos portões de ferro no vasto recinto ajardinado, a nossa alma fica logo a transbordar de saúde, o sortilégio das formas vegetais em festins de côr recuado para segundo plano, o primeiro plano todo batido pelas ondas de alegria do lindo e crêspo mar da gárrula petisada.

E que encanto de pequenos! Não se obriga criança feia na França. Coágulos alados de leite e sangue, concertando na mistura o mais puro rosicler. Bolinhas animadas de carne e amor, resumindo na inocência todos os lirismos da criação. Centelhas vivas de sol e luar, o luar das epidermes claras e o sol das cabeleiras de fogo. Muitos, os mais rosados, são anjos de Rubens transviados do Paraíso. Alguns, os mais perfeitos, são anjos do céu em férias cá no inferno. E os de mama, e os de "biberon", em carrinhos de mão, em filas de dezenas, em tribus de centenas, os laços de seda a irromper das cabeleiras de estriga, são outros tantos caracóis de Sèvres, com tinta de mórango na boca entreaberta, com pingos de céu nas pupilas indecisas, a deitarem fora da concha as cabeças curiosas.

Os carrinhos andam todos, ou na sua maioria, a cargo das mães. E apresentam-se tão deliciosas de frescura estas suaves mães, especialmente as do primeiro leite, que lembram quasi todas

exemplares postu-mos das Virgens

O monumento aos mortos situado a entrada do Père-Lachaise



de Perugino. É certo, é assim mesmo: — estas loiras de afinada esbelteza, nem depois de mais perdem a linha esguiva das figuras de invocação mística.

Andam às dúzias os pequenos de cada revoada de anjos, cinco anos, oito anos, dez anos, em exercícios pedestres através dos canteiros arrelvados, em tirocínio para almirantes comandando frotas no lago, em experiências do milagre dos páes com os pardais do contorno.

Não ha maneira de demorarmos os olhos nas estátuas e obras de arte que do vérdé das sombras se adiantam ao nosso encontro. As sombras não logram esconde-las. Esconde-as a chilheada daquele harmonioso viveiro. Sim Senhor: — é vigoroso o *Triunfo de Silêno*, que Dalou poz no seu lugar com mão de mestre. Não ha dúvida: — Ganquie fixou a traços nítidos, na fisionomia de Watteau, o preciosismo de Versailles. Olha, Verlaque, que mais fígados, o sobreceño irritado, a bôca a escorrer o fel das flôres do mal entre o mel das flôres do bem. Chopin sonha o mel das flôres do turno, a que uma linda cabeça de amorosa ausculto o melancólico sentido. E os romancistas e os actores, e as mulheres célebres e os poetas notáveis, uns daqui, dalém outros, chamam-nos à conversa, acenam-nos de manso, no desejo talvez de nos dizerem que se em Portugal não há mármore e bronze senão para o sacrificio em louvor de guerreiros e políticos, a França funde montanhas de bronze e

cinzela cordilheiras de mármore em honra e glória dos filhos famílias da Emoção e da Beleza. Bem sabemos tudo isto. Tudo isto é verdade. Mas nós não podemos demorar a vista senão na resaca de espuma da criançada a brincar. Mas nós não podemos entregar o ouvido senão à matinada festiva dos pequerruchos em alvorôço.

Abieiro-me dum grupo que lança magalhas de pão aos pardais. Que felizes os pardais de Paris! São muito mais felizes êstes plebeus fringilidas da Gália do que toda a nobreza heráldica dos melhores rouxinóis luzitanos. Aos pardais gaulezes, e nunca concertaram estrofe digna de Almanaque, até as crianças lhes põem mesa feita. Os rouxinóis da Lusitânia, embora cantem os versos grandes de Camões nos "Lusiadas", morrem à míngua nas enxergas dos abandonados.

Compensaria de rudes trabalhos para a chegada ao Luxembourg só este lindo espectáculo: — os petizes a repartirem a merenda com os pardais; os pardais, como se fôsse da família, a poisarem-lhes nos pés, a comerem-lhes à mão, ou a jogarem uns com os outros o jôgo do pilha, asas abertas, vôo de repuxo, na avidés de colhêrem no espaço o pão atirado ao ar.

Porque será que todos os pais, e todos os mestres, e todos os prégadores, e todos os orientadores não procuram tornar os homens sociáveis começando por gerar no coração das crianças o amor aos animais?

Sem querer, tristemente, recordo os pardais de Lisboa. Pouco menos infelizes, é certo, do que os rouxinóis do Parnaso. Eles constituem a única nota de sonôra alegria no surdo marulho da cidade. Boémios incorrigíveis dormem à chuva e ao frio, nos andares sobrepostos das árvores da praça Luis de Camões: — onde ao anoitecer, todos os dias, dão os seus ruidosos concertos populares, onde imitam, todas as tardes, históricas e agitadas sessões parlamentares. E todas as noites insanavelmente expostos à gula sinistra das corujas vizinhas! E tantas vezes cruelmente condenados à pedrada assassina dos fariseus!



Alfred de Musset, segundo uma gravura de Deveria



José Maria Nicolau, o vencedor da grande prova.

interessante de qualquer competição. Mas a Volta demonstrou, jornada a jornada, que entre os novos ambiciosos surgem valores capazes de os arrelhar de quando em quando, e, num futuro próximo lutar de igual para igual com esses grandes senhores.

A prova está em que, desaparecido este ano prematuramente Alfredo Trindade, Nicolau ascendeu ao primeiro posto da classificação que conservou até final, mas não tranquilamente.

Necessitou defender energeticamente o seu triunfo, sentindo cada dia o perigo da proximidade constante dos adversários, prontos a tirar proveito do primeiro desfalecimento. E não é inferiorizar o grande campeão reconhecer que, tendo sido durante o percurso particularmente infeliz em acidentes mecânicos, deve a sua vitória final ao auxílio que lhe foi prestado em todas as contingências pelos companheiros de equipa, que forma-

PERCORRIDOS OS 1873 quilómetros pelas estradas de Portugal, do sul ao norte, do leste ao oeste, a impressão que melhor se afirma no espírito de quem tenha acompanhado a caravana ciclista é, de maneira incontestável, o extraordinário e crescente êxito popular da prova, que este ano decorreu num ambiente de harmonia que nos compensou dos assaltos caluniosos do ano passado.

As alterações profundas introduzidas no regulamento e no itinerário, provaram satisfatoriamente, contribuindo para elevar a classe desportiva da corrida, na qual o valor médio da maioria dos concorrentes excedeu bastante o das provas anteriores.

Existem ainda, por enquanto, dois aces excepcionais no ciclismo português, Nicolau e Trindade, dominando os restantes pela diferença duma categoria e cujo duelo é o elemento mais

vam um bloco muito superior em homogeneidade, a qualquer dos competidores.

Toda a ajuda recebida por Nicolau foi perfeitamente lícita e ao abrigo do preceituado no Regulamento; mas como homenagem à dedicação dos seus camaradas é de justiça dizer que a camisola amarela veio com êle até Lisboa tanto pelo seu próprio valor como pelo valor colectivo da representação benfiquista.

Uma corrida ciclista em estrada, da amplitude da Volta a Portugal, é um admi-



Felipe de Melo, vencedor da última etapa recebeu das mãos de Oliveira a faixa que precedia a sua vitória.

mo e de energia, a corrida do pelotão pela estrada, serpenteando nas curvas, alongando ou encolhendo como um animal fabuloso, perdendo células nos espasmos das abaladas furiosas, para as recuperar logo em seguida, nos momentos de acalmia! Visão empolgante, o esforço desesperado dos ciclistas que fogem ou perseguem, pedalando vigorosamente, curvados sobre o guidão como tartarugas fantásticas, ou erguidos do selim, em oscilações rítmicas de bailarinos.

A perda de Trindade foi, incontestavelmente, um rude golpe no interesse da prova e uma injustíssima decisão do destino.

Essa tragédia em dois actos teve, a separá-los, um intermédio de epopeia heroica que será uma página refulgente na vida desportiva do grande campeão.

Quem viu Trindade estendido no solo, sangrando, após a primeira queda com Prudêncio Carneiro, assistiu ao desespero,



Ezequiel Lino, 2.º classificado

rável filme panorâmico, servindo de base a um argumento de aventura, onde o drama e a comédia alternam suas cenas, na mais imprevisível sucessão.

A caravana percorre, sucessivamente, as mais variadas regiões do país tão diferentes no aspecto mas tão semelhantes no encanto dos permenores que nos oferecem ao olhar.

É a planura árida e escaldante do Alentejo com a nota sensibilizante dos camponeses trazendo à beirna da estrada a bilha com água fresca para mitigar a sede dos ciclistas em pleno esforço; o risonho Algarve, enfeitado a verde e branco, as Beiras acidentadas, de estradas serpenteantes, descendo quando não sobem, para logo subir porque desceram, a imponência majestosa de Trás-os-Montes que este ano atravessámos ao longo do surpreendente vale do Cávado, para cruzar o jardim perene do Minho. E depois, variando sempre de aspecto, o Douro e a Estremadura, para acabar costeando o Tejo que atravessámos antes de iniciar a caminhada.

Os corredores, intérpretes principais do filme, passam indiferentes às belezas da natureza, concentrando toda a sua atenção na fita branca, vermelha ou negra, do caminho, que é o seu pior inimigo. Os quilómetros passam, outros quilómetros se seguem, e nunca os factos se repetem ou monotonia das horas pesa sobre os ânimos dos componentes da caravana.

Espectáculo admirável de cor e de vida, de dinamis-

UMA GRANDE COMPETIÇÃO

O que foi a Volta a Portugal em bicicleta

Impressões da estrada e comentário dos resultados

dos primeiros momentos, em que o instinto reflexo se sobrepôs à razão, e o acompanhou depois na sua perseguição desesperada, implacável, galgando uns após outros os competidores que o haviam ultrapassado, sente comovidamente o acidente que o prostrou sem remissão.

Partindo ferido e com cerca de um quarto de hora de atraso sobre adversários na plena posse dos seus meios atléticos, Trindade escalou e desceu a Serra do Caldeirão num estilo impressionante que todos, amigos ou adversários, admiraram com respeito; e foi quando alcançava enfim o alvo ambicionado, num ponto em que as rectas extensíssimas do Alentejo lhe permitiam aperceber ao longe a nuvem de poeira e os automóveis indicadores do pelotão da cabeça, que a criminosa inconsciência de um motociclista lhe destruiu a máquina e martirizou o corpo.

Desapareceu da estrada a pequena figura de Trindade, símbolo da energia e da alma dos portugueses da melhor tempera; mas a saúde que deixou em todos, só terminou no Estádio, onde lastimava foi que o público de Lisboa não tenha podido testemunhar-lhe a sua simpatia e os companheiros abandonados dar, na meta o abraço destinado aos que mais desejamos rever.

Depois de pensado em Castro Verde, levámos no nosso automóvel, Alfredo Trindade para Evora, e pudemos apreciar durante o trajecto quanto é grande a sua popularidade e conhecida a sua figura. Quando atravessávamos alguma povoação, passávamos junto de herdade ou montado, os homens à beira da estrada, as crianças curiosas a quem as bandeirinhas amarelas do carro prendiam a atenção, todos apontavam o Trindade, apesar da velocidade da marcha, que pouco permitia fixar.

Durante uma curta paragem em Beja, a acumulação de gente em volta do automóvel exigiu a intervenção da policia, e quando partimos estalararam ovações, que o atleta vencido pela má sorte agradeceu com as lágrimas do seu irreparável desgosto.

Mas como sempre, até nos momentos de maior emoção, aparece uma nota cômica, estamos ainda sem perceber as intenções dum velhote entusiasta que clamou, de entre o povo, er-

guendo o chapéu de aba larga: «Viva o grande campeão português!», e a seguir: «Abaixo o banditismo!»

Um trecho do percurso em plena estrada ensombrada



Agostinho da Cunha, 3.º classificado



Alfredo Trindade, o campeão perdido o Pelotão, após o desastre que o lançou a desistir

ou na travessia das povoações, recomçava a cantiga a duo, cuja quadra repetida vezes sem conto, referia a história sentimental da «Filomena e do Alreu».

Ano a ano verificam aqueles que seguem na sua peregrinação os corredores ciclistas, o crescente de interesse pela Volta a Portugal em bicicleta, avaliado pelo carinho que as populações dispensam à caravana, na sua passagem pela estrada ou na sua permanência nos locais de descanso.

São as raparigas que espalham flores sobre o grupo dos ciclistas indiferentes, as saudações traçadas a giz no asfalto negro da estrada ou os dísticos de incitamento aos favoritos.

Quantas cenas pitorescas, quantos quadros encantadores se poderia descrever!

Salazar Carreira.



A mulher e o Sol

sua "toilette," pronta, sem ter protegido a delicada tez com um ligeiro véu. Importado de Inglaterra começou o "tennis," êsse jôgo ao ar livre, tão útil para desenvolver a gente nova e para manter "en forme," as que já o não são, a fazer parte da existência das mulheres elegantes. Mas que precauções com os chapéus para livrar do sol, com os leves veusinhos, que eram ainda uma defeza e uma barreira

tal. O banho de sol está vulgarizado e poucas são as pessoas que o não tomam. Efectivamente para a saúde êles são muito recomendáveis e a verdade é que uma mulher habituada ao sol, perde a facilidade de se constipar e adquire uma grande resistência contra as diferenças de temperatura. Ao princípio faziam-se os banhos de sol só á beira-mar. Actualmente fazem-se em toda a parte, desde os banhos de sol na montanha no meio da neve a grande altitude, os banhos de sol á ligeira sombra duma pergola, a mulher já não usa chapéu no verão e a sombrinha é um objecto a que ela não liga a menor importância.

Os melhores banhos de sol, são os que se tomam á beira-mar. O sol combinado com o ar iodado dá o melhor resultado e os raios ultra-violetas da manhã e infra-vermelhos da tarde são o melhor tónico e o melhor reconstituente para a natureza sempre um pouco débil e nervosa da mulher. Êsse regresso á natureza é quasi uma necessidade para o organismo da mulher moderna, que a vida excessivamente civilizada, desequilibra um pouco. O excesso de comodidades ou o muito trabalho dão a ânsia do repouso absoluto no seio da natureza. A mulher com fortuna esgota-se com festas, com uma vida intensa de sociedade e divertimentos. A mulher que não é rica, hoje, trabalha, a vida actual cria um sem número de necessidades, que faz com que a mulher se lance no trabalho, intelectual ou material. Rara é a mulher que não trabalha tanto como o homem e que se não esforça por conseguir ter na vida a sua independência e poder gastar. Êsse trabalho cansa-a e de aí essa necessidade de vida ao ar livre da mulher moderna que a leva a viver dois mezes no ano uma vida quasi primitiva, a não ser que seja tão comodista como as duas raparigas duma das nossas gravuras, que nos rochedos de Eden Rach no cabo Antibes, instalaram um cómodo colchão, para o seu banho de sol. Mas, com comodidade ou sem ela, o banho do sol e a vida ao ar livre nas praias são um hábito da sociedade moderna a que a mulher não foge, sacrificando a beleza da sua branca cutis, numa instintiva defeza contra o artificialismo da vida moderna, que fatalmente deve minar a sua saúde. É quasi instintiva a ânsia da vida natural, dos banhos de sol, e de ar puro e iodado.

TUDO neste mundo muda e tudo evoluciona. Antigamente não havia para a mulher pior inimigo do que o sol. A mulher de hoje fez dele um elemento indispensavel à sua saúde e ao seu bem estar. Nas épocas muito remotas a mulher quasi que não saía. A senhora aristocrata quasi que só de ano a ano ia à rua. Tinha a sua capela particular, onde todos os dias ouvia missa. As modistas iam aos palácios com as amostras e provar os vestidos, e, as senhoras viam o sol das suas janelas ou dos seus jardins. Quando saíam à rua nos seus coches ou liteiras os cortinados resguardavam-nas do frio ou do sol e assim elas conservavam a sua cutis duma brancura de neve e o ser morena era um desgosto, que envenenou a vida de muita mulher bonita. Depois a vida foi-se modificando pouco a pouco, as senhoras começaram a sair um pouco mais, a andar a pé, a apanhar chuva e sol. Mas como se resguardavam! Espessos véus cobriam-lhe as faces, as sombrinhas livravam-lhes as cabeças. Uma senhora elegante não descia ao seu jardim sem calçar luvas, sem pôr na cabeça uma "capeline," sem pegar numa sombrinha. E só assim bem resguardada e precitada contra os raios solares se atrevia a passear nas alas areadas do jardim, e, a vigiar o desenvolvimento das suas flores, a assistir ao desabrochar das suas rosas. Timidamente começou o desporto a infiltrar-se na vida feminina. A mulher começou a andar a cavalo, a seguir as elegantes caçadas ao veado e à raposa, mas nunca uma amazona considerava a

contra o sol. Depois apareceu o automóvel e as senhoras que faziam um pequeno passeio a 20 quilómetros à hora, preparavam-se com uma indumentária, que as fazia parecer escafandros. Um guarda-pó em seda crua, cobria-lhes os complicados vestidos. Sôbre o chapéu e cobrindo-lhe a cara, para evitar que o vento e o pó irritassem a delicada pele dum tom de imaculado lírio, enrolava-se um véu em gaze azul ou branca, e assim completamente tapada sem quasi poder respirar é que a mulher elegante se atrevia à extravagância, dum limitadíssimo desporto. Hoje tudo mudou. Foi decretado que é indispensavel para a sua saúde o ar, o sol, a vida agitada ao ar livre.

A "toilette," feminina, foi-se simplificando pouco a pouco e hoje nas praias é quasi inexistente. Esta primavera discutiu-se muito, para saber se as mulheres seriam ainda douradas êste verão ou se elas voltariam à sua delicada brancura, a essa ideal cutis de lírios e rosas. As mulheres responderam a essa discussão expondo-se mais do que nunca ao sol, e a moda do "maillot," branco, formando contraste com a pele bronzeada, mostram-nos que a mulher continua a apreciar a pele escura. E o que se vê é diminuir a roupa para aumentar uma maior extensão de pele enegrecida.

Hoje já ninguem tem desgosto de ser morena. As que o não são é que escondem o que elas julgam ser um defeito e que era antigamente a beleza, tratando de adquirir pela exposição ao sol e ao ar iodado, uma cor senão de hotentote, pelo menos tão bronzeada como a duma orien-

Maria de Eça.

AGUARELA REGIONAL

ENTRE VINHEDOS DURIENSES



TOMBAVAM as folhas do calendário que correspondem aos derradeiros dias da primavera, quando o comboio do Douro me levou até à Régua, por uma dessas noites em que a doce tranquilidade da terra, acariciada pela misteriosa frescura do céu estrelado, convidava o espírito a uma grata sonolência de recordações.

Logo no dia seguinte, às primeiras horas da manhã, rasgada de par em par a janela do meu quarto, fiquei-me cem por cento deslumbrado perante o virgiliano espectáculo que se me deparava. Embora às portas da morte, a primavera oferecia-me a sua obra, milionária de verdes, ampla e quasi interminável numa tapeçaria festiva, numa verdadeira apoteose de frutos e de flores. Aberto o sol, pincelando de ouro solares e casebres, e a descer em cavalgada luminosa de Loureiro para a Ribeira do Rodo, a passadeira abandonava os ninhos e subia à crista das arvores, anunciando com seus gorgeios um dia lindo e venturoso. Entretanto, meu olhar jornadeava, ora trepando, ora cabriolando, sempre insatisfeito perante a ilimitada e verdejante aguarela. Vinhedos e pomares, frescos como esmeraldas, ou impenetráveis como ramagens de bronze, limpavam-me a retina dos aspectos geométricos da cidade. E, se estacava a viagem de olhos sobre caminhos e carreiros que ao longe serpenteavam, rememorando passos da minha distante infância, imediatamente lhes atirava ordem de marcha, largando por vales e encostas, colhendo da bela paisagem os aspectos mais inolvidáveis. Até que, no alheamento em que gostosamente me afundava, fui de repente acordado pela vozearia cantante dos ranchos de trabalhadores que, cortando atalhos e trilhando estradas, levavam o rumo das vinhas.

Bonito, até de uma beleza impressionista, o começo de um dia de labuta em terras durienses. Correndo um tempo propício, farto de sol, madruço o trabalhador a cumprir a jorna, dando à terra os cuidados que ela requere. Para além de Maio, entra-se a redrar revolvendo o solo à volta de cada videira, para que as ervas daninhas e ois torrões empedernidos não enfraqueçam a riqueza de cada cêpa. Ao tresmunhar do dia começa-se a trabalhar e a cantar. Vem horas depois o astro imperial fazer rebrilhar as enxadas e castigar os costados, mas, acima do amargo dever do trabalho, novos e velhos entregam-se à aberta alegria de existir, enfraquecendo os braços, cantando e trabalhando sempre. Algumas semanas adiante, fechadas as redras, dá-se princípio à enxofra e sulfatagem. Males traiçoeiros, dos que se empenham em atraíçoar a obra dos homens e da natureza, espreitam as videiras, desejosos em executar seus desígnios destruidores. A faina vai de manhãzinha até ao meio dia, que as tardes são escaldantes, desdobrando sobre as vinhas intermináveis colchas de fogo, amolecendo os músculos e semicerrando as palpebras. Todavia, anda-se em aturada roda vida até àquela hora, enxofrando aqui, sulfatando mais ali, empecendo o ataque das mais terríveis doenças dos vinhedos. Sobem acima do mar verde e imenso da folhagem as ondas das cantigas dos trabalhadores, acompanhando o vôo dos pássaros, que passam dos sal-

gueiros ribeirinhos para as árvores de fruto, onde não haja palhaço assustador, mergulhando o bico nos pomos doirados e amadurecidos. Vá de trabalhar e cantar, deixando nuvens minerais onde há necessidade de tolher doença perigosa, acautelando a próxima colheita. A pouco e pouco, na sucessão dos dias, escasseia porém o trabalho, já que as cêpas vão levar, isoladas, num silencioso metamorfosear até à beira de Setembro, sua milagrosa tarefa de transformar cada cacho em abundante e sumarenta fortuna.

Já se deixou de correr os vinhedos, que o mês de Julho está consumindo os seus últimos dias, num incêndio de sol que vai de manhã até ao fim da tarde. Ao abrir da marcha vespertina, alucinante corrida de fogo desce do céu para a terra, afugentando dos campos e vinhais os que vivem da generosidade da natureza. Tudo se apresenta quieto, ou tudo se encontra fatigado de sol. Não se ouve o rumor da folhagem, nem

o cantar dum melro, nem tam pouco o sussuro da água nas levadas. Sósinha, invisível, a natureza adianta a sua obra de metamorfoseamento, sem descanso de um só instante, até que todos os frutos toquem a altura de ser colhidos e amplamente saboreados.

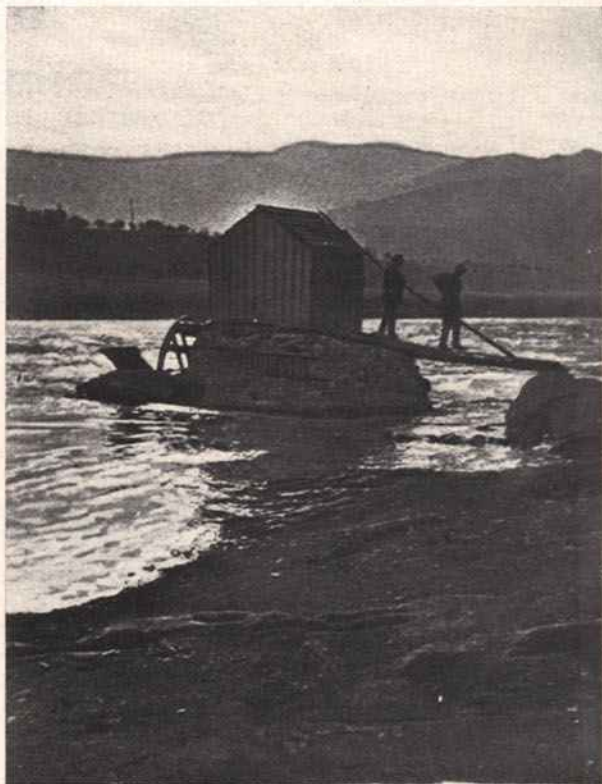
Ao despedir da tarde, o sol feito sendal de gaze violeta, começa subindo com real serenidade os montes, que vão acabar no Marão; e, quando uma admirável tranquilidade vem apoderar-se da face dos vinhedos, a brisa entra a acariciar ramos e folhagens, como se, sonhos femininos de robusta maternidade, corresse de frémitos tôdas as grandes e pequenas plantas.

Quando da tarde já nada existe, os longes submersos em sombra, os caminhos perdidos no noite, o traqueteio das gentes retornando às casinholas é mais vivo e intenso, ouvindo-se aves canoras a anunciar lua cheia, os sapos a coaxar nas poças debruadas de limos; as mulheres a adormecer os filhos pequenos, contando as estrélas, ou contando as suas desilusões...

Volvida a primeira hora nocturna, engulida a mísera ceia, o camponês duriense recolhe com a família ao cardenho, que a noite, embora luarenta, só se fez para os bichos. Se batem ferraduras nos pedregulhos das ladeiras, se a guma vozearia vem a aproximar-se, e, logo depois, vai a fugir lá para a lonjura, já se sabe que é almocreve com destino ao casebre, ou são reguingões que voltam do tribunal da comarca. A seguir tudo adormece, abençoado pela lua que vai derramando sua fortuna fosforescente, numa generosidade de virgem noctámbula.

Mas é bem enganosa a sensação de ausência que tudo parece absorver. Estão escancaradas e vasias quasi todas as janelas, entrando por elas o luar, beijando as camas e os berços. Mas em algumas, posso mesmo garantir em muitas, alguém espreita... Lavrador que muito ama o seu torrão, dando-lhe a vida em canseiras que não mais terminam, fica-se por lá debruçado até horas mortas, em permanente interrogação: «Como serão as vindimas?» Mas não se responde... Olha os vinhedos atoa-lhados de luar. E, interroga sempre: «Como serão as vindimas?» Por fim, antes de se deitar, com uma oração nos lábios, olha a igreja próxima, pedindo a Deus uma resposta favorável...

Guedes de Amorim.



EM CIMA: Moinho de Salgueirai na Régua

À DIREITA: Vista panorâmica da Régua



Mal a manhã dealba vejo-os partir para a jorna. Tons lívidos de gase cõr de algodão flácido, nevoento, beijam a terra, deixando-a noivar esse branco véu. As árvores espectram-se, como "bouquets", petrificados. Cabanas, aqui e além, nas manchas cavadas dos terrenos, alvejam, e um ou outro galo em notas de oiro, num "molto vivace", lá de cima, entoa o seu auroral canto de juventude.

A malta composta agora só de "ratinhos", nome que dão às levas rurais que vêm das Beiras para a faina inverniça das cavas, nos meus sítios ribatejanos, caminha lá da granja ou da quinta do Brejo, de sócos de madeira, capotes de palha, chapéus largos, camisas brancas, e um cheiro de caserna que os acompanha sempre.

Num chap, chap, caminham sob o nevoeiro baço. Vindos lá do norte, em ranchos, para a faina dos sachos, mai-los seus camaradas do campo em busca da cõde, da brã de milho que eles próprios cozem no forno, aqui vivem alguns meses, como bezeros, imberbes, amontoados como num curral. No forno cozinham o pão de milho de que fazem migas com azeite e de noite vá lá a sua guitarrada ou harmonium, onde embalam, diante da lâmpada de azeite que bruxuleia, saudades lá longe, lá longe, da terra bem distante e mergulhada tãda ela na cisma verde da paisagem.

De-certo uma saúdeõ os punge, os macêra, êles da terra eclogiana da Beira, tãda pulcra de tons verdes, como um fundo religioso de painel medievo ou florentino em confronto com a pradaria calma dos campos ribatejanos, longos e extensos, aqui e além velados por sentinelas de pinheiros mansos em manchas pardas, nas manchas cinzentas dos terrenos circundantes.



nham-se, os troncos contorcem-se e dos peitos oprimos, dolorosos da faina sai um anh, anh, espaçado de dõr contrita

A vida ardua dos cavadores

e de labor, levado pela obrigação e pela fome quasi à sublimidade e ao holocausto. A manhã dealba mais. Agora o campo aparece como se se tivesse espreguiçado. Aqui uma casa de campo, donde sai um fumo leve, espiralando, tão longuiquo que parece fumo de cachimbo. Nuvens uma ou outra dando ao céu, um aspecto de céu de oratório.

Uma névoa ainda leve rasga-se e cai então uma geada fria, cortante como a lâmina dum punhal.

O terreno onde cavam são umas vinte courelas, secas, de terreno alvadio, arenoso, indo dar a um poço onde há um balde de zinco e uma roldana e mais além macieiras, que no verão é um benzer a Deus de opulência. Os bezeros pastam com suas mãs, vacas turinas, malhadas como vacas de oleogravura e nédias como gado holandês, em landes extensas com moinhos solitários. Agora a luta é intensa, forte, ciclópica. O homem ali diviniza-se, herculiza-se, arranca do solo camadas de terra que as enxadas seguram e retesando os braços, retesando os troncos, up, up, toca a cavar, a cavar sempre, a cavar num isócrono ruído, chap, chap, ferindo, vibrando facadas no dorso frio da terra alagadiça. Um bafo enorme sai daquelas bõcas. Os dentes quasi que rangem. Nos olhos perpassa, segundo a segundo, uma tristeza concentrada e logo depois uma revolta alonga os olhos, dilata as pupilas de ódio.

Meu Deus, meu Deus, como a manhã é fria, enregela os ossos, molha as faces friorentas, torna as mãs mirradas e faz percorrer o corpo um frio horrido, intenso, rude, ferindo, picando, como se fossem picadas de agulha. E a malta, o rancho, em fileiras, ei-los que cavam, os ratinhos adiante, mancha parda, triste, depois os "caramêlos", e as raparigas púberes, adolescentes algumas, seios fortes, pernas cõr de presunto tostado devido ao frio, saias apertadas com um cordel, à cinta, que se torna saliente, mãs grossas, calosas, anquilosadas.

O rancho cava, cava, num ruído onde não se fala e apenas há monossilabos, an, an, rer, rer, acompanhando os baços que parecem fumo, enquanto os corpos se vergam, num mito isocrono, enxada que cava, enxada que se levanta, cuspo nas mãs, sempre naquela faina a cavar, a cavar sempre, diante da planura triste e da manhã inverniça, sem alegria e sem sol, a planura que aquela hora tem a tranquilidade doente da superfície das lagõas putrefactas...

E o rancho cava, cava cada vez mais, em plena manhã já clara e fria, dum frio tão grande que enregela os ossos e faz tiritar os corpos, agora que uma chuva de molha-tolos, miudi-

«O cavador» escultura de Costa Mota existente no Jardim da Estrela

AGUARELA RUSTICA

inha e rala, molha a face e a congestiona de frio. Dez horas, onze horas, é tempo de levantar para o almoço. Amanhã é alta e

lavada, a chuva foi-se. Depois do descanso em que o rancho acampa para almoçar os corpos quasi vergam, num torpor fixo, num torpor enorme, de tanta faina. O caseiro dá um sinal e a malta, homens e mulheres à mistura, caminha contrita, seguindo-se uns aos outros como num funeral.

Ao longe esbatem-se montes no azul leve do céu, os campos mostram a sua face dorida e num instante, ante a campina que os olhos vêem, a vista cança de abranger sempre a mesma cõr de adobe, lá longe um ou outro grupo cavando debruçado quasi sôbre a terra, erguendo as enxadas, ferindo o terreno, levantando, abaixando as enxadas num ruído baço e contínuo, assim, sempre assim. A malta chega e é o mesmo espectáculo bárbaro divinizante, hercúleo, do homem a domar a natureza, que o oprime com a inverniça, com a chuva, com o frio, é a mesma luta do homem ferindo, lascando, abrindo na terra o sulco, o caminho futuro para a messe, para a colheita prometedora. Os "ratinhos" mais habituados agarram a enxada com amor e com ódio e o seu gesto curvo, congestionado, parece o gesto de condenados a quem o trabalho vexa.

Nos trabalhos de primavera, de verão ou de outono, a paisagem ainda acompanha com carinho as fainas extenuantes. Mas de inverno, à luz criminosa das manhiãs, quando mal se abrem os casebres, sete da manhã quando muito, ainda o sol não nasceu e cai névoa, visita-õs uma geada fria, agrilhoante, cáustica, e os ossos enregelam e as caras tomam tics contorcidos, os músculos retesam os braços, que se movem a custo numa dõr contínua. Os ranchos sôbre as courelas encetarã de novo a faina, ferindo, rasgando, erguendo as enxadas, dispoendo as mãs para erguerem os cabos. Vendo aquele espectáculo do homem e da terra, aquela luta intensa, passa em nós um arrepio, um gosto de ter confôrto, de dormir tranquilamente, de desprezar o trabalho, assim, deshumano e feroz. Duas da tarde. Agora o frio parece descansar enquanto os braços se erguem persistentemente num chap, chap, as enxadas picam o terreno e pelas faces cai o suor em bagas e às vezes junto ao suor vem lágrimas, vem lágrimas doloridas e silenciosas sabendo a um fel amargo, resignado.

A tarde caminha, Olho-os bem. Os "ratinhos" com aquele fato cõr de mel, pés desnudos, olhos fitos, cabelos ora aloirados, ora pretos de ébano, parecem estátuas toscas, corpos vergados a um mal eterno, vivendo em constante sofrimento essa emigração tão triste.

Os "caramêlos", da região (uma planura de terrenos alvadios, pinheiros mansos, ao longe, e horizonte vago) embora

conheçam aquela faina sofrem também, e exaustiva à luz deambulante das manhiãs, mai-las "caramêlas", moças, fortes, vergando os troncos quasi varonís, seios a pojarem, olhos liquefeitos de choro silencioso, tendo às vezes os filhos no berço ou as mãs entregadas. Todos compreendem que é feróz e ao mesmo tempo belo aquele trabalho, feróz porque o faz vergar, os doloriza, os contraria, mas belo porque aos crepúsculos amortalhados em cinza e no tom gris dos longes, regressando a casa sabe bem comer o pão que dia a dia suas mãs ganham, suas mãs honradas e calosas arrancam do solo. É uma luta barbara essa dos cavadores com a terra; e que é dos pintores para pintar êsses grupos, êsses ranchos cavando numa atitude de mito sob a chuva leve, ou ante a geada mortífera, em telas cheias de dõr humilde onde passasse todo o arrepio dêsses corpos de gente quasi sem eira nem beira, longe do catre, ao sol e à chuva, cavando sempre, cavando sempre, enquanto o dia caminha?... ■

É quasi noite. Os corpos anquilosados, vergados, esboçam posturas, acordam do torpor e galvanizados, erguem as mãs, retesam o cabo das enxadas, chap, chap, e ferem a terra aberta em sulcos, a terra revolta, mexida, pronta a receber a semente fecunda. Agora a tarde cai como um soluço choroso, e há uma chuvinha miuda que resfia tanto!

A malta levanta. Há ainda um ou outro arranco e eis que os "ratinhos", caminham para o abrigo, batendo os sócos, no terreno molhado, lamacento. Os grupos abandonam o campo, alguns segurando aos ombros um pau onde levam o cabaz que trazia a marmita, o toucinho e o pão para a comida reconfortante. Pelos cami-



«Os cavadores» tela do pintor Sousa Lopes

nhos fóra, conversando cantando tristezas, passam ranchos, vergados, friorentos, todos êles, por êsse dia de trabalho intenso, rude, feróz, inclemente. Admirável escultura esta, a do cavador, de enxada na mão, ferindo, rasgando o ventre ubérrimo da terra alvadia e cinzenta, molhada pela chuvinha rala e miuda!

Cai penumbra. Num arrepio moribundo o dia cai cheio de tristeza, como quem sucumbe. E essa tela triste, dolorosa, humilde dos cavadores vem até à minha memória, à minha saudade. Oiço ainda, sinto bem nesta hora a que escrevo o chap, chap, das enxadas, ferindo, abrindo, rasgando a epiderme revolta e premeida da terra em planura. Vejo bem o cavador, cavando, vergado!

Mãos calosas, cabelos revoltados, mascaras que parecem Donatellos puros, músculos como se fõssem de bronze, pés nus, rasgando os troncos ao meterem a enxada no solo, erguendo o tronco ao levantarem a enxada ao alto do peito, num gemido espesso, anh, anh! Eu vivi horas inteiras, ao vê-los cavar! E se eu pudesse escrever estas linhas de aguarela com sangue escrevê-las-ia sangrando de vida, de holocausto, de misericórdia!

Nos planuras ribatejanas, o cavador é a escultura mais bela, mais cheia de vida, de dõr intensa, e à chuva, ao relento sinto-os ainda a cavar, a cavar sempre enquanto o dia caminha todo vestido de cinzento. Cavando êle representa bem o seu drama, persistente e rude. A paisagem envolvente foi sempre o maravilhoso, o doloroso cenário onde o homem representa, persistentemente, humildemente, o drama da sua alma rural, da sua alma magnânima, com a dõr dos seus músculos castigados, com o rictus do seu rosto entristecido.

Correia da Costa.

DURANTE umas grandes inundações que assolaram a China, Ping Ping, um simpático habitante do Celeste Imperio sofreu a sorte de muitos outros — morreu.

Ping Ping nunca fôra religioso. Mas nesse transe difícil, recordou-se de que em pequeno fôra baptizado por um missionário católico e logo começou a pensar na melhor maneira de aproveitar essa circunstância feliz na vida eterna em que acabava de entrar.

Dirigiu-se, por isso, ao Paraizo. Á entrada, encontrou São Pedro que cumpria certas formalidades legais para admissão dum grupo de bem-aventurados.

Quando chegou a sua vez, Ping Ping declinou a sua identidade e expôs os motivos que, em seu entender, lhe davam direito à entrada no céu.

São Pedro ia folheando sem pressas o volumoso livro das entradas e quando êle se calou quis saber, em pormenor, a razão porque Ping Ping deixara a terra.

— Morri numa inundação terrível, como não há memoria de outra igual. Os rios saíram dos leitos, as torrentes despenharam-se das montanhas. Milhares de quilómetros de planície foram alagados...

Nesta altura a descrição de Ping Ping foi interrompida por um murmurio depreciativo que contendeu com os nervos do chinês e o obrigou a olhar para o lado donde vinha o som. Sentado a um canto, todo curvado, o rosto coberto de rugas, estava um velho cujas barbas longas e brancas roçavam pelo chão.

— Centenas de rebanhos — continuou Ping Ping — fôram arrastados pela cheia. Aldeias inteiras ficaram submersas e os seus habitantes...

— Ora, ora!
A interrupção vinha ainda do velho das barbas. Ping Ping não pôde ocultar a sua irritação e prosseguiu:

—... os seus habitantes morreram quasi todos afogados.

— Isso não foi nada.
Desta vez Ping Ping perdeu definitivamente a paciência. E abeirando-se de São Pedro inquiriu em voz baixa:

— Quem é aquele sujeito que está sempre a meter-se na conversa?

São Pedro levantou os olhos, teve um sorriso doce e explicou conciliador:

— Não faça caso... É o Noé.

Um conhecido jornalista português, que acaba de regressar duma viagem por alguns países da Europa Central, fazia há dias num grupo de amigos o elogio entusiástico do regime nazi.

— Todo o povo alemão está identificado com o seu "Führer".

E, como alguns esboçassem um gesto de dúvida:

— Calculem vocês que cada vez que Hitler têm uma dôr de cabeça todos os alemães tomam um comprimido de aspirina.

O gerente dum grande estabelecimento atravessava o armazem quando viu um rapaz que, encostado a um caixote, assoviava despreocupadamente.

GRACA

EM

pequenas doses

— Anda cá! — gritou-lhe com voz severa.

O rapaz obedeceu:
— Quanto ganhas? — prosseguiu o gerente.

— Cento e cinqüenta escudos...
— Aqui tens um mês de ordenado. Põe-te na rua!

Depois do rapaz ter saído, o gerente voltou-se para o encarregado do armazem e perguntou:

— Porque admitiram êste rapaz?
— Mas nós não o admitimos — respondeu estupefacto o encarregado — tinha vindo trazer uma encomenda de outra firma...

1.^a amiga — Há já três anos que não nos víamos. Mal te conhecia! Envelheceste tanto...

2.^a amiga. — Pois olha, eu conheci-te logo pelo vestido.

Num hospital, o doente para a enfermeira:

— Amo-a! Não quero melhorar para não sair do pé de si.

— Esteja sossegado que não melhora. O médico está apaixonado por mim e surpreendeu-o a beijar-me esta manhã.

No tribunal:
O juiz: Conhece o réu?
A testemunha: Tive com êle relações "lógicas".

O juiz: Relações "lógicas"?!
A testemunha: Quero dizer, estivemos empregados na mesma "loja".

Entre garotos:
— Temos um bebé novo lá em casa.

— Ah, sim?! Estragaram o outro?

Pedro e Laura amaram-se apaixonadamente durante longo tempo. Mas certo dia surgiu entre êles um arrufo que os levou a uma separação definitiva.

Passaram anos e quasi não se lembravam já um do outro quando o acaso fez com que se encontrassem num baile:

— Por aqui, Laura?!

Ela olhou-o desdenhosa.
— Ora espere... foi você ou seu irmão quem em tempo me fez a côrte?

— Mas Pedro não se embaraçou e retorquiu sorridente:

— Na verdade não me recordo. Mas é provável que tenha sido meu pai.

A ópera tinha terminado e os espectadores aglomeravam-se à saída. Uma se-

nhora ricamente vestida aproxima-se dum homem que ali estaciona.

— Se não estou em êrro, o senhor é que é o célebre barítono da companhia?

— Sim, minha senhora, — respondeu êle lisonjeado. — Em que lhe posso ser útil?

— É que não consigo encontrar o meu automóvel. Quere fazer-me o favor de gritar "José," com a sua voz mais forte, para vêr se o "chauffeur," aparece...

Dois homens trocavam impressões sôbre os países que tinham visitado:

— Londres é a cidade onde há mais neveiro em todo o mundo.

— Isso sim. Estive noutra cidade onde havia muito mais neveiro...

— Qual era?

— Não sei. Havia tanto neveiro...

— Parece-me que temos visitas.
— Como sabes?
— Ouço a mamã rir com as aneddotas do papá.

— Estes binóculos são, na verdade, de grande alcance?

— Absolutamente, minha senhora — respondeu o vendedor. — Através deles tudo quanto está a menos de dez quilómetros de distância é como se estivesse por trás de nós.

— Mamã, tenho uma surpresa para ti.
— Que é, meu filho?
— Engoli, agora mesmo, um aparo.

João — Estou muito contrariado por a minha galinha ter ido esgravatar no teu jardim.

José — Não tem importância. O meu cão comeu a tua galinha.

João — Admirável! Atropelei, há pouco, o teu cão ali na estrada.

Zequinha: Diga-me, papá, foi Edison quem fez a primeira grafonola?

O pai: Não, meu filho. Deus é que fez a primeira. A de Edison só trouxe a novidade de se poder parar quando se quere.

O dono duma pastelaria faleceu certo dia, e apesar de tôda a vida ter sido exemplo das mais altas virtudes o primeiro lugar onde se dirigiu foi ao inferno.

— Que queres daqui? — perguntou Satanaz.

— Desejava receber umas contas que alguns clientes me ficaram a dever quando morreram — respondeu o pasteleiro delicadamente.

— E sabes se êles estão cá?
— Era para aqui que me mandavam quando na Terra eu lhes aparecia a pedir o dinheiro.

A I Exposição Canina Internacional do Estoril



As formosas cabeças dos dogues alemães «Elka» e «Ede» pertencentes ao sr. Luiz Brandão e que obtiveram o 2.º e 3.º prémios da sua categoria. Por baixo: «Chau de Manuka», da raça Chau Chau pertencente ao sr. José Maria Bensuade e «Tedy», maltês, da sr.ª D. Clara Soares



A 1.ª Exposição Canina Internacional do Estoril, organizada pela Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, sob a direcção técnica do Club dos Caçadores Portugueses, apresentou-nos magníficos exemplares de galgos, cães de mostra, «Spaniels», «Terriers», cães de luxo, e de guarda e gado, um cento, segundo o catálogo.

Os filhos do expositor sr. Luiz Brandão com a cadela «Juryty» que obteve um 2.º prémio. Ao lado: um aspecto do concurso

Foi um belo certame que nos encantou nesta tarde cheia de sol, através das esplanadas do Tamariz. Segundo os técnicos — e eles é que sabem — a exposição foi fraca em galgos e cães de mostra, visto estarmos em pleno período venatório e ainda por não ser esta a época mais propícia para empreendimentos desta natureza.



Fôsse como fôsse, a exposição canina obteve um belo êxito, não só pelo número e categoria dos exemplares inscritos como pelo interesse manifestado pelo numeroso público elegante que ali afluíu.

Os técnicos disseram de sua justiça, e o júri conferiu os prémios que julgou convenientes. Mostraram-nos alguns cães ostentando 2.ºs prémios e ficámos maravilhados.

Como seriam os primeiros? Quisemos vê-los. Desta categoria — responderam-nos — não apareceram primeiros prémios. Não percebemos e ficámos com a nossa ignorância, aliás natural. A nosso ver, numa exposição de cães, deveria ficar marcada a preferência, e, assim, surgiriam o 1.º, o 2.º, o 3.º classificados, etc. Mas, perante a decisão dum júri competentíssimo, constituído por técnicos, verificamos o nosso erro.

A majestosa cabeça de «Sultão», da raça Serra da Estrela, propriedade do sr. dr. Gonçalo Castmiro



O lançamento do dardo por Ivoria Menier

«A tentativa de chamar a mulher à prática de desportos atléticos — diz um crítico — ficou assinalada pelo êxito muito lisonjeiro das últimas provas obtidas no campo das Laranjeiras, sendo de esperar que não fique por aqui e que à iniciativa do Internacional suceda uma organização capaz de bem orientar as novas desportistas».

Com efeito, vimos senhoras formosíssimas em saltos aparatosos e em corridas magníficas, vimo-las lançando o dardo e o disco — e meditamos na evolução dos tempos.

As nossas bisavós teriam ficado horrorizadas se tivessem assistido a estas interessantes provas. A mentalidade era outra e não admitia

O torneio de atletismo feminino, organizado há dias pelo Club Internacional de Football no seu campo das Laranjeiras, revestiu tão extraordinário brilhantismo que os mais abalizados técnicos previram amplos e definitivos resultados num futuro muito próximo.

A princesinha Onfale, que por um capricho bem feminino tivera artes de pôr o seu Hercules a fiar na roca, acabou por erguer a pesada clava que, em mãos másculas e possantes, servira para estoirar a terrível bicha das sete cabeças.

a abolição do sexo fraco. Quando muito, consentiriam na prática de ginástica sueca no recatado jardim do colégio e sem o menor exibicionismo de formas e atitudes.

A própria marquesa de Alorna afirmara que «a mulher, em toda a sua vida, deveria sair de casa

À esquerda: A equipa do Benfica. Em baixo: A equipa do Internacional



DESPORTO FEMININO

As notáveis provas atléticas promovidas pelo Internacional

apenas três vezes: para baptizar, casar e enterrar».

Como tudo isto mudou!

Para melhor? Para pior?

As nossas leitoras decidirão.

Tem-se dito que a maior força da mulher reside na sua própria fraqueza. A mulher, florinha mimosa, é a mais bela criação do jardim do Universo. Ver uma mulher a carregar fardos é tão deplorável como atar sacos de carvão com grinaldas de rosas.

Isto pensariam os nossos avós que nem sempre tomaram à risca o preceito



de «não bater numa mulher nem com uma flor».

Que pensa o homem de hoje ante as conquistas que o sexo fraco vai obtendo?

A mulher, entendendo que é feita de sangue, carne, nervos e ossos como qualquer homem, decidiu emancipar-se e acabar com a lenda milenária da sua fraqueza. Entendeu que o lema «mens sana in corpore sano» não poderia ser exclusivo do homem.

Lutou, portanto, pela sua emancipação. Começou a frequentar as salas de treinos atléticos e julgou-se capaz de fazer um «arraché» com 150 quilos. Praticou o «boxing» e sentiu-se suficientemente preparada para esmurrar o nariz ao marido no primeiro arrufo conjugal que surgisse.

As velharias de oferecer o banco dum carro eléctrico à primeira senhora que entre em maré de enchente, reprimir uma

frase mais violenta porque uma senhora nos escuta, pedir licença para fumar, cumprimentar uma senhora com o chapéu na mão e beijar-lhe galantemente as pontas dos dedos, mil e uma inutilidades dêste género, apenas servirão para amesquinhar as pretensões feministas.

Não há força nem fraqueza de sexos. Quando o marido se zangar com a mulher não lhe bate, bate-se com ela num combate lealíssimo de «boxing» amavelmente arbitrado pela sogra ou pela criada que, como mulher, deve perceber dessas coisas. E reinará a paz e o sossego em to-



À esquerda: A equipa do Internacional. Em baixo: A chegada à meta na corrida de 50 metros

O mundo perderá a sua beleza romântica, mas ganhará em resultados práticos.

Salto de barreira por May Noriton

Não vão os tempos para nos enlevamos na história da Criação do Mundo que atribui a formação da mulher a uma costela do lado esquerdo do ingénuo Adão. A descrição do «Genesis» chegou a ser acrescentada com os seguintes pormenores:

Jehovah, decidindo dar uma companheira ao nosso primeiro pai, disse-lhe: — Adão, vou conceder-te uma esposa que te amenizará a existência. Sairá de ti próprio, fará parte de ti pela vida fóra. Escolhamos o sítio...

Da cabeça não convém, para que não fique superior a ti; dos pés também não, para que não seja tua inferior. Sairá dum costela próxima do coração para que a ames sinceramente, segundo os meus preceitos.

A história é bonita e não está mal urdida, mas a mulher de hoje é que não pode nem deve aceitá-la.

Os tempos mudaram e,

na época actual, as costelas nem para cabos de facas são utilizadas. Se, atendendo à exiguidade de trajo, a mulher de hoje nos recorda vagamente a nossa mãe Eva, a sua mentalidade está a 5 mil anos de distância da desastrosa cena do pecado original.

Por isso ela se prepara para a dura luta pela existência, fortalecendo os músculos e os nervos na prática dos desportos. E, pondo de parte toda a «blague», sinceramente a aplaudimos por essa atitude, sinal dum era nova de renascimento físico e intelectual.





«VIDA POR VIDA!»

A grandiosa parada dos bombeiros portugueses

realizada no Pôrto no passado dia 9
constituiu uma magnífica apoteose ao heroísmo e abnegação dos «domadores de chamas»

A mui nobre, sempre leal e invicta cidade

do Pôrto mais uma vez se agitou num dos seus rasgos de generosidade e galhardia, tributando a mais grandiosa homenagem aos bombeiros portugueses.

Evocava-se a figura impercível de Guilherme Gomes Fernandes, e, ante o seu monumento compareceram seis dos bravos que junto do glorioso comandante souberam dignificar o nome de Portugal no Concurso Internacional de Vincennes, em 1900.

São ainda os mesmos, êsses simpáticos sobreviventes.

Ali os vimos, ladeando o venerando Júlio Afonso Alfaro Cardoso — decano dos bombeiros voluntários de Portugal — ainda sorridentes como há 34 anos e orgulhosos do dever cumprido. A neve



de tantos invernos pode ter-lhes branqueado os cabelos mas dentro dos seus corações canta ainda, sempre moça, uma risonha primavera. Decoramos-lhes os nomes: António Ferreira, Henrique José Francisco Pinto Júnior, Amadeu Vieira da Silva, José Venceslau e Francisco de Almeida, que bem merecem a nossa gratidão.

Esta grande parada dos soldados da paz ficará memorável, já pela imponentia do cortejo em que

se incorporaram cerca de dois mil e quatrocentos bombeiros, idos dos mais diversos pontos da paiz; já pela justa homenagem prestada aos heróis mortos; já pela marcha luminosa que, à noite, com «balonas» e «bengais» constituiram maravilhas de pirotecnia.

Parecia que êsse fogo — o prodigioso fogo de moda de Viana — obedecia aos seus verdadeiros domadores.

Milhares de pessoas, ao longo das ruas, vitore-



avam os seus heróis mais queridos. É que, em frente dos bombeiros sente-se, quer a gente queira, quer não, um misto de respeito, admiração e carinho. É que enquanto nas ruas a febre desoladora e cruel das paixões se atia, ceifando vidas e incendiando casas, os bombeiros — intrépidos soldados da paz — correm aos locais de maior perigo a levantar feridos e a apagar incêndios com risco da própria vida.

E lutam, e salvam e morrem.



Em baixo: O cortejo na Praça do Império. Ao lado: Os companheiros sobreviventes de Gomes Fernandes que com êles representaram o nosso país no concurso de Vincennes em 1900.

Um aspecto do desfile de bombeiros e viaturas na Praça da Liberdade.

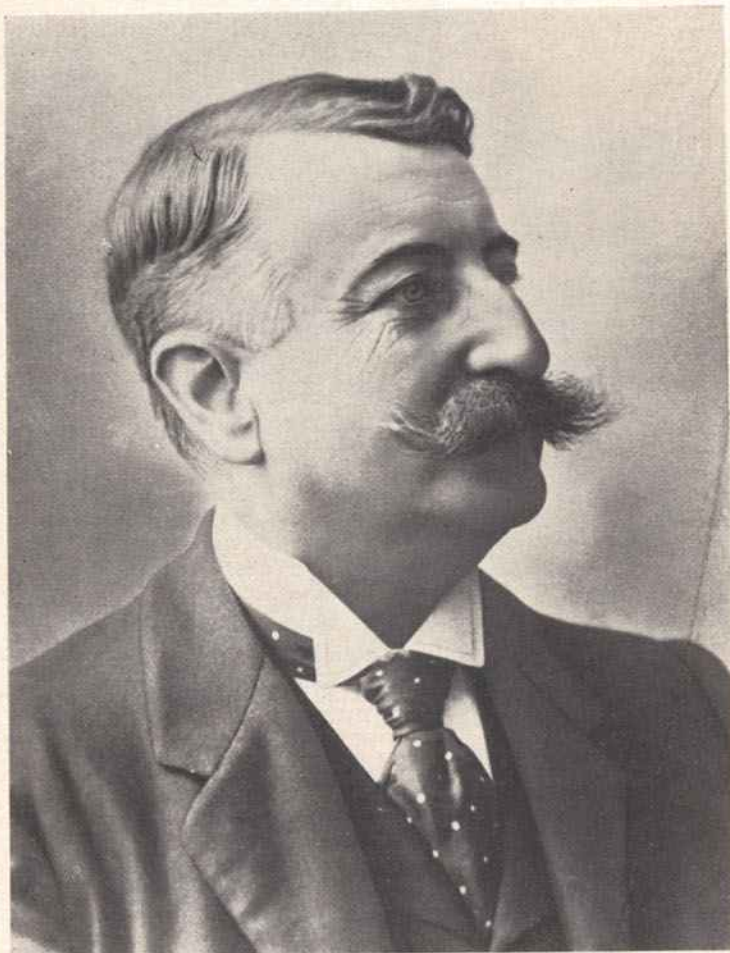


As homenagens junto do monumento erigido à memória de Guilherme Gomes Fernandes. À esquerda: as estandartes das corporações com as cores da Pátria e a direcção da Exposição Colonial.

dor temerário. Vão devorá-lo... Fuja, que ainda é tempo...

O bombeiro não foge. Luta sempre, avança sempre. No último andar, envolto por labaredas, há vidas em perigo. É preciso salvá-las. Avança sempre, vergastando as chamas que rugem cada vez mais raivosas. Parecem compreender que lhes vão arrebatar a presa. O bombeiro avança sempre. Efectua um salvamento, outro e outro... Nisto, quando transporta a última pessoa em perigo, abate o tecto, sepultando o herói.

«Vida por vida!»
Por isso a multidão os vitorioso e têm por êles o carinho mais enternecedor. Por isso a grande parada dos bombeiros portugueses no Pôrto foi, como não podia deixar de ser, a mais bela, a mais grandiosa apoteose que poderia imaginar-se.



EVOCACÃO DUM HERÓI

GUILHERME GOMES FERNANDES

uma vida ao serviço da colectividade

Não é bombeiro quem quer. Na alma dos bombeiros há labaredas duma tão sublime abnegação que não se adquire em duros e perigosos exercícios nem em lances de aflicção e de pavôr, mas que se patenteia por um espontâneo impulso, do instinto, tomando por divisa: "Vida por vida!"

É por isso que os bombeiros são os domadores de chamas e tudo sacrificam para o bom desempenho da sua difícil missão.

A grande parada efectuada há dias no Pôrto tinha de resultar brilhante e grandiosa, já pelo fim que visava, já pelo local escolhido para a sua realização. Foi no Pôrto que nasceu e viveu Guilherme Gomes Fernandes, o bombeiro que mais alto ergueu a glória da intrépida corporação dos soldados da Paz.

Quando, no Pôrto, o serviço de incêndios se encontrava num verdadeiro caos, e a população cidadina, reconhecendo a extrema necessidade de serem adotadas medidas de salvação pública, apelava em vão, para um município incapaz de realizar um tão grande empreendimento, surgiu Guilherme Gomes Fernandes, criando a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários. Foi isto em 1874. Assim, os serviços de incêndios começaram a ser melhorados, gradualmente, até atingirem a perfeição.

Educado na Inglaterra, nos melhores colégios de Liverpool e Birmingham, para onde o pai o enviara aos 13 anos de idade, Gomes Fernandes regressou um verdadeiro atleta, destacando-se entre a mocidade do seu tempo pelo seu invulgar desenvolvimento físico e pela grandeza da sua generosa alma de bombeiro.

Com a fundação da sua escola conseguiu organizar, ao cabo de inauditos esforços, a melhor cor-

poração de serviços de incêndios em todo o mundo. E a prova, ei-la: No mês de Junho de 1893, realizando-se em Londres, um congresso de bombeiros, onde seriam postas à prova as aptidões de todas as corporações mundiais, Gomes Fernandes apresentou-se ali com os seus discípulos, obtendo a mais alta classificação. No ano seguinte, concorreu em Lyon, conseguindo a distinção mais honrosa perante

os aplausos duma multidão de bombeiros, seus competidores. Em 1900, como se realizasse em Paris um campeonato mundial de serviços de incêndios, o nosso ilustre compatriota, mais pelo brio da sua terra que por si próprio, concorreu com os seus homens, e effectuou prodígios de bravura, sangue-frio e competência.

Disputando o primeiro prémio aos bombeiros londrinos, parisienses, belgas, alemães, dinamarqueses e russos, conseguiu derrotá-los em provas sucessivas, dando origem a que o então presidente da Republica Francesa, Emile Loubet, ao collocar-lhe no peito a medalha de ouro do primeiro classificado, o abraçasse efusivamente e, levantando o seu chapéu, bradasse entusiasmado: "Vive le Portugal!", a que a multidão respondeu numa aclamação unisona: "Vivent les portugais!"

Guilherme Gomes Fernandes conseguira a mais bela das consagrações.

Um dos episódios mais interessantes da sua vida foi o que se relacionou com a terrível catástrofe do teatro Baquet, no Pôrto, ocorrida em 21 de Março de 1888, e na qual perderam a vida cerca de 170 pessoas.

O excelso bombeiro tinha previsto a desgraça com muitos meses de antecedência. Não se limitou a uma simples prevenção. Enviou officios sobre officios às autoridades competentes, declarando "não tomar a responsabilidade do que viesse a acontecer."

No dia anterior ao desastre officiara ao vereador do pelouro de incêndios nos seguintes termos:

"Faça V. Ex.^a o que quiser. Mais dia, menos dia, teremos a lamentar uma grande desgraça da qual eu não poderei arcar com a mais pequena parcela de responsabilidade. Nesse momento serei eu a pedir contas a quem, tendo o dever de evitar

uma desgraça, manifestou empenho, ao que parece, de que ela succedesse."

Horas depois, o teatro Baquet era pasto das chamas...

Dias volvidos, o governador civil, o presidente da Câmara Municipal do Pôrto e o vereador do pelouro de incêndios, reunidos em conselho pediram a comparência de Gomes Fernandes, a fim de se proceder — diziam elles — ao apuramento de responsabilidades.

Na sua ignorância crassa e criminoso, aqueles três homens não viam, ou não queriam ver que os únicos culpados de "tudo aquilo", eram elles próprios que, quando lhes falavam em prevenir a desgraça futura, faziam ouvidos de mercador e lançavam no cêsto dos papeis inúteis as reclamações feitas nesse sentido...

No entanto, Guilherme Gomes Fernandes compareceu. Em certa altura, perante a impertinência das perguntas que lhes faziam, deu largas ao seu espirito impulsivo, e, levantando-se de chofre, replicou:

— Alto!... Mas eu estou a ser interrogado como réu!? Não posso consentir em tal. Os que devem sentar-se no banco dos réus são V. Ex.^{as}...

E indicava nervosamente os três magnates que, repoltreados nos seus fôfos cadeirões, tomavam o aspecto de juizes séveros e inflexíveis.

— Sim — prosseguiu Gomes Fernandes — os senhores é que devem prestar contas à cidade. A responsabilidade dessa horrível desgraça cabe-lhes inteira pela incuria que manifestaram, apesar das minhas instantes reclamações. Bem os preveni. São, portanto, os únicos responsáveis do pavoroso desastre. V. Ex.^a — e indicava o vereador do pelouro de incêndios — sente-se aqui no meu logar. Se alguém têm o direito de ser juiz, neste tristissimo caso, sou eu que procurei evitar a catástrofe por todos os meios.

Os três "juizadores", esmagados por tão terrível acusação, decidiram dar tódas as satisfações ao intrépido bombeiro e confessar, adentro das quatro paredes daquele gabinete, o seu mísero "mea culpa..."

Mas, como as paredes têm ouvidos, tudo o que se passou nesta reunião secreta foi posto em relatório que os portuenses lêram horrorisados.

Ainda hoje, quando se fala no nome de Guilherme Gomes Fernandes tóda a gente sente um frémito de gratidão, embora tardia. Sim, porque ao cabo de tantos anos, valiosos serviços o glorioso bombeiro foi conduzido gravemente enfermo ao hospital de S. José, de Lisboa, a fim de sofrer uma melindrosissima operação, falecendo três dias depois, entre os únicos carinhos das Irmãs das Pobres!

Felizmente, o esforço do glorioso bombeiro fructificou e continúa produzindo os heróis que de olhos postos no léma "Vida por vida!" tudo sacrificam para salvar o seu semelhante.

Bem hajam os bombeiros!

Em face da grandiosa parada do Pôrto, mais uma vez nos convencemos de que não é bombeiro quem quer. Os domadores de chamas só conseguem triunfar quando têm a alma iluminada pelo clarão ígneo das labaredas da abnegação mais sublime.

A obra prima de Júlio Deniz

está a ser adaptada ao cinema

com a colaboração dum admirável elenco artístico

Está a ser filmado pela Tobis o famoso romance de Júlio Deniz «As Pupilas do Senhor Reitor» que se mantém em plena mocidade, apesar dos seus setenta anos de existência.

Tudo nos diz que este novo filme de Leitão de Barros resultará uma produção da maior categoria e interesse nacional uma verdadeira obra prima digna do glorioso autor do romance. Vem, a propósito, uma evocação.

Se o bondoso dr. Joaquim Gomes Coelho houvesse seguido à risca as indicações do seu bem intencionado pai, não teria passado nunca dum bom sujeito, duma alma cheia de abnegação pelos seus semelhantes, dum autêntico João Semana, em suma, que já estaria esquecido, se um grande escritor o não imortalizasse em páginas magníficas e sempre vivas.

O sr. José Joaquim Gomes Coelho não tolerava literatos que, em seu entender, não passavam duns valdevinos e acabavam sempre sem ter onde cair mortos. O seu filho Joaquim seria médico e conquistaria assim um brilhante futuro. Nada de escrever nas gazetas... É ele que se atrevesse! O rapaz costumava frequentar um estabelecimento da rua das Flores, uma das mais concorridas do Pôrto, e ali se reunia com os colaboradores do jornal de poesia «A Grinalda», mas aos ouvidos do severo sr. José Joaquim não tinha chegado nunca a valiosa e assídua colaboração que o seu filho ali prestava.

Um dia, à mesa — já o Joaquim era médico e concorrente ao lugar de demonstrador duma secção na Escola Médico Cirúrgica do Pôrto — o velho clogiou entusiasticamente um folhetim que começara a ser publicado num jornal portuense. Tais expansões, que não eram habituais sob os tectos do severo sr. Coelho, maravilharam a família. O folhetim intitulava-se «As Pupilas do Senhor Reitor» e era assinado por um tal Júlio Deniz.

— Não conheço família deste nome — dizia o velho — mas este novo que apareceu é um rapaz de talento, lá isso é.

Joaquim, ao canto da mesa, não dava palavra. — Não conheces esse tal Júlio Deniz? — perguntou-lhe o pai — estás relacionado com tantos escrevinhadores...

— Não, pai, não conheço.

— Pois, sim, senhor — prosseguia o velho no seu elogio ao escritor misterioso — nunca pude suportar literatos, mas o tal Júlio Deniz caiu-me em graça, não sei bem porquê. Há de ir longe.

Dias depois, o dr. Joaquim, tendo saído de casa após o almoço deu pela falta dum provas que devia deixar na tipografia do jornal. Tinha-lhe esquecido no quarto. Quando ali voltou, encontrou o pai lendo com grande satisfação as provas do seu folhetim, sentado à varanda.

— Olá, Joaquim. Já de volta?

— Esqueceu-me uma coisa... — titubiou o pobre rapaz, patenteando susto como se tivesse uma grave falta a pesar-lhe na consciência.

— São estes papeis, se calhar...

— São... são estes papeis... mas...

— Homem, não te melindres com a minha curiosidade. Que diabo! eu, apesar de pai, não devia meter o nariz na tua papelada. É's o sr. dr. Gomes Coelho e tens vinte e sete anos... Desculpa-me... Mas, francamente, estou satisfeito...



Júlio Deniz

Com que então não conhecias o tal Júlio Deniz?

— Eu não queria desgostá-lo, meu pai. Sabia que não levaria a bem a minha tendência para as letras. Foi sempre tão severo para os escritores...

— Homem, não é tanto assim. Eu não desgosto de ler, e a prova é que estou enlevado no teu romance. O que eu dizia é que a vida de escritor não dá pão, e todos os que a ela se dedicam morrem na miséria. Era esse o motivo de não desejar que te metesses em tal vida. Tu hoje és médico, és o sr. dr. Gomes Coelho... Tens a tua carreira assegurada. Felicito-te do fundo da minha alma e orgulho-me de ser o pai do autor duma tão linda obra... Mas, olha lá, ó Joaquim, como é que tu conseguiste escrever aquilo tudo sem eu dar por isso?

— Escrevi-o em Ovar, há três anos, quando fui convalescer daquele maldito ataque de sangue.

— Pois deixa-me abraçar-te, meu filho. Sinto-me orgulhoso de ti. Has-de ir longe...

Júlio Deniz, tendo escrito «As pupilas do senhor Reitor» durante a sua convalescença em Ovar, escreveu ali também

Maria Paula no papel de Margarida



«Uma flor entre o gelo», pequena mas formosa narrativa impregnada de tristeza. Recordaremos a maguada quadra que ele põe na boca de Clementina, dirigindo-se às andorinhas que fogem ao aproximar-se o inverno.

Leonora de Eça no papel de Clara

*Eu morro! na chama do sol que declina
bem sinto o presságio dum próximo fim.
Se um dia voltardes à nossa colina,
ó doces amigas, lembrai-vos de mim.*

Júlio Deniz sabia-se perdido. Escrutara-se a si mesmo com olhos de médico, vira os estragos do terrível mal que lhe ia minando a vida, e dava a palavra ao poeta para que desabafasse.

Em 21 de março de 1868 foi representado em Lisboa no Teatro da Trindade, o drama «As pupilas do senhor Reitor», extraído por Ernesto Biester do romance de Júlio Deniz, publicado em volume no ano anterior.

O grande romancista não resistira a ver representar a sua obra, mas sem se dar a conhecer. Comprou uma cadeira e, meteu-se entre a multidão da plateia. Dali poderia observar tudo à sua vontade sem ser visto. Mas, no final do 1.º acto, quando o Ernesto Biester surgia no palco a agradecer os aplausos, o seu olhar de lince descortinou Júlio Deniz entre os espectadores. Tomou então esta atitude solene:

— Convido o ilustre romancista Júlio Deniz, autor da obra que deu esta peça, a subir ao palco.

Os aplausos redobram, mas o autor não se mexia. Foi preciso vir buscá-lo à plateia.

Pobre Júlio Deniz! Levava os olhos marejados de lágrimas. O seu querido romance «As pupilas do senhor Reitor» tinham-lhe rendido a mais bela apoteose que a sua alma simples e candida poderia imaginar... Falecia três anos depois. As andorinhas deveriam lembrar-se dele quando voltaram. O seu pedido estava ainda tão recente! O poeta morrera com 32 anos incompletos.

Já lá vai mais de meio século. Hoje, que está sendo filmada a obra prima do grande escritor portuense, e tudo nos leva a crer que este filme resulte um verdadeiro triunfo, já pelo seu realizador Leitão de Barros e pelo seu operador Heinrich Gartner; já pelos seus intérpretes Leonora de Eça, Maria Paula, Joaquim Almada, António Silva, Carlos de Oliveira, Augusto Costa, Oliveira Martins, Paiva Raposo, Lino Ferreira e tantos outros; já pelos esforços a que a Tobis se não poupou para a recolha dos mais lindos quadros regionais e para a construção da pitoresca aldeia em que reviverá um dos mais queridos romances do nosso povo, Júlio Deniz, se ainda vivesse, sentiria mais uma vez marejados de lágrimas de contentamento os seus olhos bondosos de sonhador, de visionário e de romântico.



Maria Paula no papel de Margarida

A mulher continúa sendo a charada que fatiga tódos os habilidosos na prática de "quebra cabeças" e não deu ainda a ninguém a taça do triunfo.

Tódos procuram decifrá-la, conhecê-la em mil pormenores, mas, coitados dos homens, continuam a ver-se em palpos de aranha sem saber por onde começar ordenando a classificação dos seus calculos prováveis.

Quantos rios de tinta se têm gasto com essa questão, sempre momentosa e interessante, sempre sem chegar a um resultado satisfatório.

Já o pai Adão, quando a mãe Eva lhe ofereceu o pômo proibido, teve como que um pressentimento de desconfiança e hesitou.

Viu nos olhos da companheira uma luz de misterio, nos seus labios um sorriso meio ironia, meio ternura, mas trincou a maçã.

E assim tem feito os adões sucessivos que depois vieram, e assim farão tódos os que estão para vir.

Desconfiados sempre, mas irão trincando quantas maçãs lhes forem oferecidas pelas diversas evas que se lhes atravessarem no caminho.

Os homens vingam-se da sua fraqueza de vontade, chamando às suas parceiras nas pugnas do amôr tódos os feios nomes que lhe assomam à boca azeda de tantos maus tragos.

O que elles têm dito da mulher, os patifes!

Aquele maroto do Schopenhauer classificou-a de "animal de cabelos compridos e idéas curtas".

Mas isto caducou por completo, — passou de moda, desde que os "figaros" lhe deitaram a tesoura á cabeça.

E quem sabe lá se o filósofo tinha razão?

Desde que lhe raparam a nuca a mulher têm-se afirmado em tódos os campos da ciência e das artes com invulgar brilhantismo...

Mas qual! Já antes havia mulheres sabichonas e mais espertas do que muitos homens...

Decididamente, foi o despeito que inspirou o amargo conceito do pessimista de Dantzig.

Peor, muito peor, foi a definição de Gabriel d'Annunzio.

Para o vencedor de Fiume a mulher é apenas "uma ferida que sangra e cheira mal".

Só isto. E corre por aí impresso e muito traduzido.

Hão-de concordar que, para um poeta, a ideia é por de mais prosaica.

E, depois, duma crueldade... E engraçada, também.

Se não fosse essa "ferida", nunca êle seria poeta nem príncipe, porque nunca teria visto a luz do dia.

A ETERNA CHARADA

E quem lhe daria a inspiração, quem lhe daria a glória de amar e ser amado?

Como teria êle apanhado uma alma como a da divina Duse.

Se elles são assim... Não é só manha do português, comer e dizer mal.

O que nos vale é que temos outras



opiniões mais amáveis. E, mesmo duvidando da sinceridade da mulher, há quem ponha nessa dúvida tanta gentileza e tal encanto, que até sabe bem ser assim "contundida".

Vejam, por exemplo, estes versos de Júlio Dantas, que têm por título "Loucura da dúvida":

*Bem sei. Custa-te muito a compreender
que eu possa ainda duvidar de ti...
Eu duvido de ti porque és mulher,
eu duvido de ti porque sofri.*

*Levo ás vezes a olhar-te, horas e horas,
a interrogar-te num mortal anseio...
Se eu nem creio nas lágrimas que choras,
e sei que as choras porque te não creio!*

*Quando me curvo para te beijar
e busco a tua boca, distraído,
esfrio, tremo, e fico-me a pensar
no que essa linda boca tem mentido*

*sem nunca o suspeitar...
E o meu beijo perdido
desfaz-se no ar...*

*Filha, que desgraçados temos sido!
Tu sofres, porque eu duvido,
Eu sofro — por — duvidar!*

Só por isto, já vale a pena ser mulher.

Mas é que não páram nas suas investigações, os arqueólogos da alma feminina.

Estou em crer que se distraem da felicidade amorosa e de suas pelejas, querendo inquirir, descobrir o que elles chamam — a esfinge.

E agora até se ocupam em catalogá-la, segundo as nacionalidades.

Apareceu há pouco nas montras um livro dum escritor francês em que se pretende estudar e analisar nos mínimos detalhes a mulher portuguesa.

Isto dá vontade de rir:

Como se a mulher não fôsse, em tôda a parte, a mesma charada com o mesmo número de sílabas e o mesmo conceito, exactamente iguazinhos.

Na aparência mais calma ou mais ardente, mais submissa ou mais revoltada, no fundo ela é sempre semelhante — a inimiga do homem — a inimiga, sem a qual a vida pesaria a todos os queixosos como férrea grilheta.

Falam, barafustam, mas ainda não disseram que prescindiam das mulheres, assim mesmo mázinhas e enigmáticas...

"E" o dizes! na expressão predilecta do garoto ali da vizinha defronte, que é ladino e promete.

Se elles soubessem como é facil a decifração da charada...

Mas melhor é que a julguem difficil. Assim sempre se vão entretendo e a mulher vai sempre ganhando...

E como se havia de encher tanto papel em branco, nos livros e jornais, se não fôsse a mulher, a heroína preferida de novelas e "suetos"?

Quando ela não dá assunto, por suas extravagâncias ou maldades, voluntariamente, inventam-se coisas, emprestam-lhe defeitos — e virtudes também, porque ela não tem só detractores.

Há ainda almas enamoradas, de um precioso romantismo atávico, que adoram a mulher.

E uns e outros lançam á curiosidade das multidões a semente do seu modo de ver.

Como diz o poeta:

"Todos nós temos um sulco a abrir na terra. E mãos para espalhar qualquer semente."

Pegue ou não pegue, pouco importa.

Porque não se dá às pastas de quintanista um elevado cunho de arte?

A pasta de quintanista, ufanía e so-

Dr. Ruy dos Santos Álvares, êste ano formado com

nho de quem a traz, com as suas largas fitas a esvoaçar protecção de caloiros tristes e perseguidos, é das melhores recordações da vida universitária, das que mais sensibilizam, das que mais fundo tocam, das que mais saúdades deixam. Desde a queima das fitas com as suas praxes, com as suas troças à bênção das pastas como o coração bate de ufano e como depois a vida recorda com pezar — pezar do confronto entre a mocidade longínqua e a decrepitude que se avizinha!

Geralmente a pasta de quintanista, vermelha como o combate, amarela como a doença, roxa como o poente, azul-escuro como um gramático ou azul-clara como sabe-se lá o quê — Direito, Medicina, Farmácia, Letras e Ciências, é uma pequena criação artística, mas ainda de uma arte rudimentar, abandonada. E, todavia, que linda coisa ela poderia ser!!

Ou pintada por um artista de nome, ou aguarelada por um amator de gôsto, ou com ferragens em bronze, latão, prata ou ferro oxidado ou batido, que coisa bela dela se não poderia fazer! Poderia mesmo entre faculdades e Universidades criar-se emulação e todas à compita primarem em apresentar as de mais gôsto, as de maior beleza, de

maior simplicidade, as mais artísticas, as de melhor gôsto decorativo.

A Beleza é inseparável da Vida e o Homem é tanto maior quanto mais beleza cria. Ora sendo a Beleza imortal, todo o homem pode alargar a sua vida criando Beleza nas pequenas curvas em que toca, tanto faz que seja uma preparação gastronómica como a sua pasta de quintanista. Esta, mais do que tudo, deveria ser um estalão da vida, época de saúde, de ilusões, de entusiasmos, de sonhos de beleza e de amor. Todos êstes comentários nos acudiram ao bico da pena ao vêr a pasta do quintanista de direito, hoje

uma alta classificação. A sua pasta vermelha é em couro da Rússia e representa o rosto das Ordenações do rei D. Manuel, na sua edição de 1514, o primeiro livro de Direito que se publicou e um dos monumentos tipográficos da nossa literatura, jóia preciosa da colecção magnífica do rei D. Manuel II, ainda há pouco exposta em Paris como uma revelação do esplendor magnificante da nossa tipografia nos séculos xv e xvi. Idéa da quintanista de medicina M.^{lle} Maria Luísa Forjaz de Sampaio, realização em prata dos lavrantes Angélico Francisco e Augusto de Sousa,

artistas da prata e do cinzel, é verdadeiramente uma obra de Arte. Os escudos portugueses são um prodígio de interpretação, com nuances de velho e finuras de grande beleza, capazes de fazer emocionar um amator. E onde, no velho livro, se lê em gótico o seu título e mais partes, lê-se na pasta em gótico aberto em prata: *Esta he a pasta.....*

Pois não valeria a pena que às pastas dos nossos escolares se emprestasse um pouco de Arte, criando-se assim novas manifestações de espírito superior como a desta, fugindo-se ao charro e tradicional emblema, ou à banalizada figura da Justiça, com cantos de estilo *bera*, feitos em série e sem graciosidade?





Os incêndios, os terremotos, as invasões e as has-tas públicas, não foram

mais ne-fastos a o n o s s o Erário de Arte, do

que o usurpador período felipino, no qual, para enriquecer os estranhos Alcaçares dos Áustrias, em Madrid, Toledo, Segóvia e Valladolid, foram levados para Espanha, muitos dos valiosos adornos dos Paços Reais da Ribeira, do Castelo e de Emxobregas, com que tanto se opulentava Lisboa.

Tais como páginas imortais, arrancadas, cavilosamente à nossa História, vemos, com profundíssimo pezar nosso, indevidamente arrecadadas na velha Colegiada de Pastrana, na província espanhola de Guadalajara, as célebres tapeçarias desviadas do nosso tão delapidado tesouro artístico nacional, e que, tecidas na Flan-

Usurpação de antanho

no, e que, só e apenas, nas mãos dos portugueses, têm o seu justo e verdadeiro significado.

As tapeçarias de Arzila

Foi na alvorada do santificado dia

dres sob debuxos do famoso pintor Nuno Gonçalves, mostram, flagrantemente, além da ocupação de Tanger, as várias fases da tomada de Arzila, pelo valoroso rei D. Afonso V, de Portugal.

Damião António de Lemos Faria e Castro, notável homem de letras do século XVIII, escreve no seu compêndio de História de Portugal e Conquistas: — "Afonso V, o Africano, Rei dos Portugueses, e Senhor de Alcácer, Tanger e Arzila, foi o primeiro soberano, no invento de mandar tecer, em panos de Arraz, as suas Conquistas, e as imagens e os nomes dos seus conquistadores; modelo digno, e para honrar, que, depois, imitaram o Imperador Carlos V, figurando, em ricos tapetes, a Invasão de Tunis, situada no Lago de Goleta; o Rei Henrique III, de França, descrevendo, em caras tapeçarias, toda a História guerreira do seu reinado; a Rainha Isabel, de Inglaterra, immortalizando, em custosos panos, a derrota da Armada Invencível de Castela — mais desfeita pelo mar do que pelos ingleses; e Luiz XIV, o Rei-Sol, reproduzindo, em finos Gobelins, além dos faustos da sua Corte, as vitórias das suas grandes batalhas."

Recordar é viver... Portanto habilitados em documentos seculares, descrevamos, embora fugazmente, o memorável episódio histórico que originou a factura de três dessas quatro maravilhosas tapeçarias subtraídas ao nosso patrimó-

15 de Agosto do ano de 1471, que, com rumo a além-mar, em África, saíu da assombrosa baía de Lagos, no antigo Reino dos Algarves, uma poderosa expedição, constituída por uma frota de trezentas naus, com trinta mil homens de equipagem, e na qual, acompanhando o seu Soberano — "do Reino o único herdeiro, e nome em armas ditoso" — marcharam, saídosos, mas contentes o príncipe real D. João, o duque de Guimarães, o conde de Marialva, o D. Álvaro de Castro, o conde de Valença, o D. Henrique de Menezes, o marquês de Monte-Mor, o D. Rodrigo de Melo — depois conde de Olivença — e tantos outros invictos cavaleiros, ansiosos de ganharem ainda mais honra e glória nos traiçoeiros campos africanos.

Já à vista de Tanger populoso, seu primitivo destino, foi que o Conselho de El-Rei, convocado na Galé Real, deliberou iniciar a campanha, pelo assédio da dura Arzila, praça afastada sete léguas, da parte do poente dessas alturas, e onde, depois da tormenta do mar haver arrebatado mais de duzentos soldados, e se terem quebrado todas as tenazes oposições do inimigo, desembarcou o bravo rei português.

Assim, pôsto o pé em terra marroquina, após cercada a rija Almedina, de trincheiras, fossos e baterias, de modo a animar o sitiante e a desanimar o sitiado, e ter-se empenhado o sagrado voto de Nossa Senhora da Assunção e o da Virgem Mãe da Misericórdia, deu-se começo à batalha, pelo ataque às primeiras linhas, o qual, pela violência da arremetida, levou o fero agremo de vencida, até aos seus próprios muros.

Dias passados, dava-se o segundo ataque. Então, já tintos do sangue derramado, escalaram as altas muralhas da praça, e, como já houvera sido feito, em Alcácer-Ceguer, os portugueses tomaram a mais sobranceira torre... à espada!



Ao ALTO — A Tapeçaria de Arzila, conhecida pela do Assalto — É uma das mais valiosas, sob o ponto de vista histórico e artístico

A' ESQUERDA — Formador duma Tapeçaria de Arzila — D. Afonso V e o príncipe D. João

Nos tempos em que, livres do mal-dito facciosismo, os tratados da nossa História-Pátria não sabiam sêr derrotistas, disseram assim, deste derradeiro ataque: — "Aqui, obrou a magnanimidade, acções que as gentes costumam chamar sublimes; mas, na presença dos seus Príncipes, elas, nos Portugueses, são vulgares. Aqui, caíram mortos, coroados de glória imortal, com muitos outros batalhadores, os nobres Condes de Marialva e de Monsanto, depois de executarem proezas que a pena teme referir, ou por não serem diminuídas, ou por não parecerem encarecidas. Aqui, se desenfreou o furôr Lusitano, á vista de dois heróis sem vida e, sem reparar na perda de sangue, a troco dele foi comprando alma de mouro, que oferecia, por holocausto, á vingança. Emfim, aqui, depois de uma carnagem horrível, ficaram submetidos ao nosso jugo e á nossa obediência, o Alcáçar, a Mesquita e o Castelo de Arzila." —

Damião de Gois, Duarte Nunes e Ruy de Pina, dão-nos a compreender, nas suas crónicas, que a imensidade dos despojos, nesta campanha, igualou a grandeza da vitória. Generoso foi o Rei, ao ordenar se repartisse toda essa valiosa presa de guerra, pelos conquistadores, cujos braços fortes tão bem a tinham sabido ganhar.

Em aquêlê mesmo momento de acabar a rendição dessa praça rija, foi que veio, em seu tardio socôrro, o temido Rei de

Fez, Muley-Xeque, o qual, nada mais pôde fazer do que pactuar a troca das suas duas mulheres e dos seus dois filhos, refens dos nossos, pelos restos mortais do Infante Santo, D. Fernando, falecido em 1443, após longo cativo nas masmorras de Fez, relíquias que, depois, desembarcadas nas praias de Belem, e conduzidas, procissionalmente, para a Sé Catedral de Lisboa, fôram trasladadas, com sagrada pompa, para o Mosteiro da Batalha, onde, piedosamente, as depuzeram ao lado dos restos fúnebres de seus Pais, D. João I e Dona Filipa de Lancastre, e de seus irmãos D. Duarte, Rei, e D. Pedro, o de Alfarrobeira.

Canta Luiz de Camões, no Evangelho da Pátria, que se fizeram cavaleiros, nesta empreza que mais afirmaram a fama portuguesa. Seja nobilíssimo exemplo, aquêlê Príncipe Perfeito — depois El-Rei D. João II — por suas altas acções nessa conquista, armado cavaleiro, na convertida Mesquita Maior de Arzila, e ao qual,

seu Pai, D. Afonso V, apontando, nesse momento, para o túmulo em que jazia o varão assinalado D. João Coutinho, Conde de Marialva, disse: — "Deus vos faça tão bom cavaleiro, como a êsse fidalgo que aí vêdes morto" —.

E aqui termina esta resenha breve, desse feito luzíada, que, mais uma vez, fizera desfraldar, em terras de África, a sempre altiva e vitoriosa bandeira das Quinas de Portugal!

E. Raposo Botelho.

No artigo sôbre a «Batalha de Aljubarrota» do nosso brilhante colaborador sr. E. Raposo Botelho, que inserimos no penúltimo número, saiu deturpado um dos períodos da primeira coluna, da página quinze. Deve ser substituído pelo seguinte:

«Deu sinal a trombeta castelhana, horrendo, fero, ingente e temeroso», e logo parte á carga D. Nuno que, á rija lançada, consegue romper a forte linha inimiga, e, no rasto das suas heroicas pisadas, segue D. João I, embrenhando-se de arremetida pelo meio das forças adversárias, e, com tanto ardor batalharam os seis mil e quinhentos portugueses que no fim de três escassas horas foi alcançado o triunfo das armas Lusitanas.»

AO ALTO — Pormenor duma Tapeçaria de Arzila — Vê-se o rei e o príncipe empunhando lanças de combate e o conde de Valençias levando a bandeira do reino

EM BAIXO — A Tapeçaria de Arzila, conhecida pela do Desembarque — Segundo o sr. dr. José de Figueiredo, foi feita sôbre cartões de Nuno Gonçalves





Como o amor morre...

— Não há paixão por mais violenta que seja que não tenha cura. Ora ouça...
E o meu amigo Paiva acendeu um cigarro e continuou:

— O amor que tive a minha prima por pouco me não matou. Assaltou-me brutalmente, de chofre, sem que o esperasse. Foi na pequena igreja da nossa aldeia, num dia de ruidosa festa, ao vê-la tãda candura no seu lindo vestidinho branco para a primeira comunhão, que o meu brutal amor despertou. E, desde então êsse amor cresceu, subiu, avolumou, até se transformar em paixão feroz, selvagem, cegamente indomável. Até aos dezasseis anos ignorou ela êste amor, que eu por timidez calava, e me fazia sofrer em silêncio. E por isso êste amor me torturava. Mas apesar desta tortura como era para mim bõa a encantadora Natureza!... E' que a Natureza mostrava-me minha prima pura, simples, ingénua, e através dum prisma ideal, deliciosamente belo. Parecia que a sua graça e tãda a sua deliciosa simplicidade nasciam do céu, do puro ambiente da terra e do suave beijo das estrelas no doce mistério do campo. Sorria com a franqueza da aurora e tinha a pureza dos lírios. E amando assim minha prima, decerto amava Deus, porque amava a Beleza e também amava a Verdade. Como que alimentava na minha alma um sonho deleitoso, que me enebriava os sentidos ao mesmo tempo que me amargurava. E' que vendo minha prima indiferente por mim, pela minha paixão, intimidava-me, evitava-a, fugia, para atear mais em segredo a enorme e cruel fornalha, que vorazmente me queimava. Todos os seus atos aticava-

vam desesperadamente a minha impetuosa paixão. Quando um dia a encontrei num viçoso campo de trigo, com uma braçada de papoulas e tão corada como se fõsse também papoula, assaltou-me uma vertiginosa vontade de lançar-me a seus pés, para lhos sorver com beijos, para a adorar e para lhe atapetar o caminho com a minha violenta paixão. Ela percebeu, fez-se mais corada e com a timidez da gazela... fugiu. Mas um dia esmaguei o meu acanhamento e decidi-me. Escrevi lhe uma carta longa, vibrante, ardente. Era a minha alma a bramir, delirante, cheia de desespero, no último auge da dor. Leu a minha carta, riu muito e rasgou-a. No dia em que mo contaram passei uma noite sinistra, horrível, pesada, furiosamente má. Arrepelei-me, quiz retalhar o peito, e tentei outra carta. Mas não pude. A' superfície do papel, em vez de caracteres, só apareceram lágrimas. E depois, no decorrer dêste violento desengano, não dormi tãda a noite. Atacou-me a febre, delirei. E, na força do delírio, tão depressa me assaltava a vontade de me ir prostar diante da sua casa, de joelhos, como me dava a gana de a encher de insultos e de a estrangular. No dia seguinte acordei pesaroso, com o'heiras, todo desalentado para a vida. E nesse momento, como se o destino me guiasse, ouvi a consciência dizer-me: «Isso vai mal... Quanto mais tentas peor... O fogo de longe não queima... Foge...»

E fugi. Ao fim de três dias achava-me na cidade. Ai suporrei resignadamente não só aquele amor cruel, como ainda a saudade. E achava-me

quãsi curado, quando ao fim de alguns anos recebi uma notícia que me surpreendeu. Por questão de negócios minha prima e família iam também para a cidade onde eu me refugiara. Julguei-me perdido. Aquele amor, que tanto me mortificara, ainda se não extinguiu de todo e com a presença dela, em breve se atearia. E por isso quando ela já vivia na cidade evitei-a, não a procurei. Mas tinha de ser. Passados meses, numa tarde serena, pujante de sol, deparei com ela. E oh! como fiquei surpreendido!... E' que a minha prima já não parecia a minha prima!... E se era a minha prima achava-se falsificada. Em vez da minha prima esbelta, simples, pura, rosada, que tanto gostava de ninhos, de colher cerejas, de fitar a lua, e de afagar os pombos, encontrei uma prima «pó darrõz» a cheirar a «white-rose», e de «lorgnon» em riste. Vestia ao sabor da moda; mas deixou-me a impressão de que se não sabia vestir. Engordara muito. E o seu corpo gorduroso mais avolumava ainda no enorme tufo de rendas com que enfeitava o vestido. No seu sedoso cabelo preto, onde outrora uma fita azul celeste punha uma graça infinita, poisava agora um chapéu pavoroso, largo, pesado, labirintado de fitas, de plumas, de côres, e como que a desafiar o mundo. Falámos pouco, ao mesmo tempo que ela me examinava desde a cabeça aos pés, atravez do impertinente «lorgnon», demoradamente, atrevidamente, com uma curiosidade insolente. Acabado o exame estendeu-me a mão, cuidadosamente pelicada, e despediu-se:

— Adeus primo Paiva. Se quiser apareça na quinta-feira. Nós recebemos às quintas.

Senti-me humilhado, ao mesmo tempo que me invadiu um infinito dó pela minha deselegante prima. E ah! como me fez bem aquele encontro!... E' que o termómetro da minha paixão não acusou elevação de temperatura. Notei até que, com aquele encontro, o pesado mercúrio do termómetro fugia velozmente para zero. E assim foi. Quando passados dias a vi na Opera, de sobancelhas pintadas e tãda berrante de joias, de sedas, de carmim e pó de arroz, já de todo havia desaparecido aquele amor tão intenso, tão agradável e tão incômodo, que eu tivera a minha prima.

E o meu amigo Paiva ao terminar, ficou durante muito tempo calado, a cismar, e como se fixasse o pensamento numa suave recordação do passado. E' que lhe parecia ver a prima doutroa, a que tanto o enfeitara, aquela que era embelezada pelo ar forte da serra, tão pura como os lírios, que sorria como a madrugada, que tinha o frescor dos morangos e que a Natureza tão deliciosamente lhe mostrara, levando-lhe assim ao coração um amor que o fez sofrer muito, que o iludiu e que por fim... morreu.

Coronel Pais Mamede.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No CASINO DE SINTRA

Organizado por uma comissão de damas da nossa primeira sociedade, constituída pelas senhoras D. Amélia de Carvalho Maia, D. Cecília Van-Zeller de Castro Pereira, condessa da Torre, D. Constança de Mendonça da Cunha e Costa, D. Eliza Antunes dos Santos de Vasconcelos, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Irene Moreira Rato da Cunha, D. Laura de Abreu Reis Ferreira, D. Leonor de Oliveira Lane, D. Maria Antónia de Portugal, D. Maria Carlota de Somer Pereira Salgado, D. Maria Eugénia Barbosa de Guimarães Seródio, D. Maria das Dóres de Melo e Castro Trigo, D. Maria Helena de Oliveira Neves, D. Maria Henriqueta de Figueiredo Valente Salema Garçon, D. Maria Inácia Lopes Cardoso de Vasconcelos, D. Maria Lane Borges de Sousa, D. Maria Luísa Meyreles Posser de Andrade, D. Maria Luísa Wazza de Andrade Antunes dos Santos e D. Maria Tereza Vecchi Pinto Coelho, realizou-se na tarde de 8 do corrente no Casino de Sintra, gentilmente cedido pelos seus proprietários um «chá dançante» de caridade, sendo o produto destinado à Misericórdia de Sintra. Esta festa decorreu sempre no meio da maior animação, tendo-se dançado quasi sem interrupção, abrilhantada por uma exímia orquestra «jazz-band».

Houve também uma sala destinada a partidas de «Mah-Jong», «Bridge» e «Bluff».

O «chá» foi servido por um interessante grupo de senhoras solteiras pertencentes à nossa primeira sociedade, actualmente veraneando nessa bela estância.

No CASINO INTERNACIONAL

Na tarde de sábado, 8 do corrente, realizou-se no salão de festas do Casino Internacional do Monte Estoril, uma recita de caridade levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte D. Alice Sousa e Melo, D. Ana Laboreiro de Mira Mendes, condessa de Murça, condessa de Peniche, condessa de Vila Alva, D. Eponina Valente, D. Eugénia Costa Cardoso, D. Herminia dos Santos Oliveira, D. Josefina Arbués Moreira, D. Maria Cândida Luppi dos Santos Jorge, D. Maria Leonor de Sousa Madureira e D. Maria Luísa Guerchey, cujo produto se destinava a favor do cofre da Casa de Trabalho de Santo António do Estoril.

O espectáculo foi preenchido com a engraçada peça «Bisbilhoteira» de Eduardo Schwalbach, gentilmente desempenhada pela magnífica companhia da ilustre artista Lucília Simões, e com fados e canções da Beira, pela notável amadora sr.^a D. Maria Zulmira de Almeida, acompanhada pelos srs. Pinto Coelho e Guimarães Seródio

(Sabrosa), números que agradaram muitíssimo, recebendo tanto os artistas da companhia Lucília Simões, como os distintos amadores, frenéticos aplausos.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita, com os resultados obtidos, tanto financeiro, como mundano.

No EDEN DE SANTO AMARO

Realizou-se no salão teatro do Eden de Santo Amaro, Oeiras, na noite de 1 do corrente, uma recita de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa melhor sociedade que se encontram ali passando o verão. A festa reverteu a favor dos Institutos Paroquiais de Oeiras, subindo à cena pela primeira vez uma revista em três actos, original da brilhante escritora sr.^a D. Filipa de Vilhena Torre do Vale de Bettencourt, intitulada «Santo Amaro-Filme» e representada com muito exito por um brilhante grupo de amadores.

Além do fim caritativo, a que se destinava esta recita, teve sem dúvida alguma ocasião de evidenciar o mérito da sua autora e salientar o belo grupo de amadores que a desempenhou. Pena foi que a pequenez do palco, não desse margem a que os grupos podessem brilhar mais.

Aconselhamos a comissão organizadora a fazer uma «réprise» dessa engraçada revista, mas em palco mais vasto, afim de que ela resulte melhor, isto é, que todos movimentos sejam apreciados como devem.

Casamentos

Com grande brilhantismo, realizou-se na paróquia dos Anjos, o casamento da sr.^a D. Maria Amélia Pita, gentil filha da sr.^a D. Amélia Pita e do sr. dr. Pedro Pita, ilustre conservador do registo predial, com o sr. dr. Paulo Cunha, filho da sr.^a D. Maria Zelina Cunha e do sr. Arsénio Cunha, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Celebrou o acto religioso, o tio da noiva, reverendo cônego Feliciano Teixeira Pita, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Acompanharam a noiva, como damas de honor, as sr.^{as} D. Maria Luíza Correia da Silva, D. Izabel Pita de Azevedo, D. Maria Gabriela Pires Diniz, D. Maria Manuela Nascimento Fontes, D. Zamira da Cunha Adão, D. Matilde Xavier, D. Júlia Miranda, e D. Margarida Castro Costa; e o noivo, como pagens, os srs. dr. José Manuel da Silva Ramos, dr. José Lopes Cardoso, dr. António José de Oliveira Monteiro, dr. Fernando Alcámbur, dr. Pedro Gaivão, João Pires Diniz, Francisco da Silva Garcia e António da Silva Pita.

Serviram de caudatárias as meninas Maria Manuela Jordão Marques da Costa e Maria Manuela Silva Santos Monteiro, conduzindo as alianças o menino Alfredo da Silva Salgueiros Jordão Marques da Costa.

Terminada a cerimónia foi oferecido pelos pais da noiva, no salão de meza do Aviz Hotel, um finíssimo lanche, durante o qual foi executado pela magnífica orquestra privativa do hotel, dirigida pelo distincto violinista Almeida Cruz, um belo programa de concerto e dança.

Na assistência notavam-se:

General Adolfo César Pina, António Lourenço da Silva e filhas, coronel Mauro Olavo Correia de Azevedo e esposa, tenente-coronel Alberto Xavier de França Doria e esposa,



A sr.^a D. Palmira Eugénia da Silva Loureiro e o sr. Francisco Marques da Silva, por ocasião do seu casamento, acompanhados dos padrinhos

dr. Alberto Xavier, esposa e filhas, comandante Alberto Fontoura da Costa e esposa, dr. João Garraio Correia da Silva, dr. Luiz Adão, esposa e filha, José Casimiro Demiz, dr. Frederico de Freitas e esposa, dr. António Ginestral Machado, dr. Maurício Costa, esposa e filha, dr. Bernardo de Matos, esposa e filhas, Henrique Tristão da Câmara e esposa dr. Albano Lourenço da Silva dr. Mario de Paiva Jacome e esposa, dr. Afonso Lourenço da Silva, dr. Eduardo Sarmento, esposa e filhas, dr. Vasco de Lacerda e esposa dr. Alberto Jordão Marques da Costa, esposa e filhas, dr. Fernando E. Idio da Silva, Joaquim Leitão e esposa, dr. Fernando Abranches Ferrão, Irmino Silva e esposa, Rogério Candido da Silva, engenheiro Firmino da Silva e esposa, D. Maria Amélia Heitor Passos, cônego Feliciano Teixeira Pita, D. Maria do Carmo Salgueiro Silva Garcia e filhas, D. Maria da Conceição Goes Pita, dr. Carlos Meireles da Silva Carvalho e esposa, dr. João Lopes Cardoso, dr. Fernando de Alcámbur, dr. Jacinto Moniz de Bettencourt, dr. Manuel da Silva Ramos, dr. Pedro Gaivão, dr. António José Oliveira Monteiro, dr. João Catão de Menezes, dr. Godofredo da Silva Santos e filha, Augusto Monteiro, esposa e filha, dr. Fernando Olavo Correia de Azevedo, D. Maria Júlia de Miranda, etc., etc.

— Em Tomar, realizou-se o casamento da sr.^a D. Palmira Eugénia da Silva Loureiro, interessante filha da sr.^a D. Eugénia Capitolina da Silva Loureiro e do sr. João Francisco Loureiro, com o sr. Francisco Marques da Silva, filho da sr.^a D. Maria Rita Marques da Silva e do sr. Manuel Marques da Silva.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Antónia de Jesus e Silva e D. Angélica Marques da Silva e de padrinhos os srs. dr. Alberto Cardoso Delgado e Júlio Bento Marques Baptista.

O acto religioso, que se efectuou em capela armada na residência da noiva, foi celebrado por monsenhor Adelino da Costa e Silva.

Finda a cerimónia foi servido no salão de mesa um finíssimo lanche da «Garrett», seguindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Na linda capelinha de S. Bento, em Barcelos, que se encontrava artisticamente engalanada com colchas de damasco vermelho e flores, realizou-se o casamento da sr.^a D. Eliza Sellés Pais de Vilas Boas, gentil filha da sr.^a D. Eliza Sélles Pais de Vilas Boas e do sr. dr. Joaquim Pais de Vilas Boas, com o sr. dr. António Pedrosa Pires de Lima, filho da sr.^a D. Rita Pedrosa Pires de Lima e do sr. dr. Augusto César Pires de Lima tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Celebrou o acto religioso, o reverendo Frei Augusto de Araújo F. O. M., que no fim da missa fez uma brilhante alocução, sendo acolhida pelo prior de Barcelos e pelo primo da noiva reverendo António Miranda. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Depois da cerimónia, foi servido no salão de mesa da elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos para longa digressão que terá como primeira etapa Santiago de Compostela.

Casamento da sr.^a D. Maria Amélia Pita, com o sr. dr. Paulo Cunha. Os noivos acompanhados das «damas de honor» e caudatárias

D. Nuno.





Esse fim do ano passado, uma empresa de Hollywood, realizou a adaptação ao cinema dum dos mais célebres obras da literatura infantil — «Alice no país das maravilhas».

Esse filme, que se destinava à composição de programas de Natal, não foi ainda exibido em Portugal. Ignoramos mesmo se virá a sê-lo. Mas parece-nos oportuno apreciar alguns dos seus aspectos que maior interesse oferecem.

«Alice no país das maravilhas» é das obras mais populares entre o povo inglês. A prodigiosa fantasia que anima de ponta a ponta essa história, a graça simples e delicada das suas cenas e diálogos, o imprevisível de todas as peripécias, fazem d'esse livro notável um modelo no género.

A primeira edição desta obra veio a público em 1865, ilustrada por uma notável série de desenhos de John Tenniel. Assinava-a um nome ao tempo desconhecido nas letras — Lewis Carroll.

Na realidade, Lewis Carroll era apenas o pseudónimo do professor de matemática Charles Lutwidge Dodgson, ao tempo catedrático na Universidade de Oxford. Dodgson publicara já diversas obras de índole científica que tinham obtido bom acolhimento.

Mas os factos que levaram o matemático a es-



Alice bateu longo tempo a porta até que uma rs muito vilão veio ter com ela. Sterling Holloway e Charlotte Henry numa cena. A direita: A ilustração de John Tenniel para essa passagem da obra

crer um livro de contos para crianças constituem uma história que merece ser narrada. Numa bela tarde de verão, Dodgson estava com três pupilas suas na praia, quando uma delas se lembrou de pedir que lhes contasse uma história. As outras duas juntaram as suas solicitações às da primeira e o matemático acedeu. Dotado duma imaginação viva e dum profundo sentido de

ironia — que poderiam parecer incompatíveis com as ciências exactas que professava — Dodgson começou a improvisar uma história deixando-se levar ao sabor da sua fantasia, de olhos postos nas ondas que vinham espraíar-se na areia. As três crianças escutavam-no enleivadas. Perante os seus olhos sonhadores perpassava um mundo irreel onde séres fabulosos corriam as mais imprevisíveis aventuras.

Com o correr do tempo, o matemático foi por diversas vezes obrigado a ceder às instancias das três garotas e repetir a história. Pôde assim aperfeiçoar muitos dos seus pormenores.

Alice, cujo nome completo era Alice Liddell, cresceu, chegou à maioridade. Deve ter amado e sofrido. Mas a verdade é que não esqueceu a história que fizera as delicias da sua infância. Pensou que seria bom que outras crianças pudessem escutar o conto maravilhoso. E para que assim pudesse ser, persuadiu Dodgson a escrever em livro o conto imaginado num momento de inspiração feliz.

Não deve ter sido fácil a tarefa de convencer um matemático a tentar obra d'esse género. O próprio facto de êle o ter feito a coberto dum pseudónimo mostra bem a sua relutância. Mas afinal o livro sempre appareceu a público e em pouco tempo alcançou um êxito extraordinário.

Alice Liddell ainda é viva — ou pelo menos era-o recentemente. Têm agora oitenta anos de idade. Pode calcular-se bem a sua emoção ao ver animar-se

Alison Skyrwith, no papel de Ingrid, ao lado de uma das personagens da Alice

crever um livro de contos para crianças constituem uma história que merece ser narrada.

Numa bela tarde de verão, Dodgson estava com três pupilas suas na praia, quando uma delas se lembrou de pedir que lhes contasse uma história. As outras duas juntaram as suas solicitações às da primeira e o matemático acedeu. Dotado duma imaginação viva e dum profundo sentido de

CINEMA

UM CONTO INFANTIL

de que se extraiu um filme notável pela sua originalidade e fantasia

no «écran» uma obra de que êle fôra mentalmente a heroína nos tempos já distantes da sua meninice.

O triunfo animou Dodgson a escrever outras obras do mesmo género. Vieram então por ordem cronológica «Pelo Óculos», «Rima ou Razão», «Uma história complicada» e «Sílvia e Bruno». Em todas elas se revela a mesma imaginação admirável, mas não pode deitar de reconhecer-se que a primeira é a melhor.

Para a composição d'esse filme, basearam-se os realizadores em dois dos contos mais conhecidos: «Alice no país das maravilhas» e «Pelo Óculos». Alguns dos melhores episódios do segundo foram incorporados no primeiro, sem quebrar a continuidade da acção.

Esta liberdade dos produtores em nada prejudica, contudo, o espírito da obra que foi escurpulosamente respeitado. Muitas trechos do diálogo original foram fielmente reproduzidos



Uma das séres fabulosas que entrin no filme e no que se apresenta irreconhecível a notável actriz Polly Moran. Por baixo, o desenho de Tenniel em que o realizador se inspirou

no filme. Nenhuma minúcia da descrição foi desprezada. Mas o melhor se nota a probabilidade da adaptação e

no cuidado que houve em seguir de perto as ilustrações que o grande artista inglês John Tenniel compôs para a primeira edição do livro. Esses desenhos, que mais tarde adquiriram grande nomeada, representam um esforço notável para traduzir em imagens o ambiente fantástico da história. Dêles dependeu em grande parte o tra-

balho do realizador do filme, que viu assim a sua tarefa muito facilitada.

Para que se faça uma ideia do paralelo rigoroso existente entre as ilustrações de Tenniel e as cenas do filme, publicamos nesta página alguns dos desenhos em confronto com a sua transposição em imagens. Por elas verá o leitor que não é possível conseguir, tirar melhor proveito da inspiração fecunda dum grande artista.



«Alice in Wonderland», foi interpretado por um grupo de artistas de primeira categoria. O seu elenco apresenta, portanto, um conjunto de nomes célebres que raras vezes se resume num mesmo filme.

Entre os mais célebres podemos citar: Gary Cooper, Richard Arlen, Ford Sterling, Raymond Hatton, Charles Ruggles, Mae Marsh, Luiza Fazenda, Jack Oakie, e Polly Moran.

Convem notar que isto constitui apenas um factor de curiosidade de filme e pouco contribui para aumentar o seu valor. De facto, quasi todos os artistas se apresentam irreconhecíveis sob os mais variados disfarces. A natureza especial dos papéis que interpretam obriga-os a usar máscaras e trajos que lhe dissimulam por completo as feições. Nestas condições, o jogo fisionómico está reduzido ao mínimo e por isso muitos papéis poderiam sem prejuizo ter sido confiados a actores de segunda ordem. Em todo o caso, o público familiarizado com os filmes falados reconheceu sob os disfarces a voz dos artistas que lhe são familiares. Isso constitui, em última análise, um poderoso atractivo, o que deve ter influido na orientação seguida pelos produtores.

Entre tantos artistas de renome, o papel da protagonista foi confiado a uma estreaute — Charlotte Henry. A escolha feita entre duas mil candidatas foi sem dúvida acertada. A nova artista realiza perfeitamente a imagem física que Dodgson atribuiu à heroína do seu filme e que o lápis expressivo de Tenniel fixou. Quanto ao desempenho que deu ao seu papel, os criticos estrangeiros, duma maneira geral, dão-se por satisfeitos, não sem deixar de salientar uma leve tendência para imitar os processos bem conhecidos de Janet Gaynor.

Sobre o valor artístico do filme, parecem-nos de somenos interesse as mais autorizadas das opiniões que poderíamos reproduzir. Na verdade, a obra impõe-se mais pela originalidade que pelo mérito artistico. É fora de dúvida que a tradução em imagens dessas páginas de ficção oferecia dificuldades enormes. Deve também reconhecer-se que o problema foi resolvido com

acerto, dentro dum admirável sentido de equilíbrio que lhe permite evitar o grotesco sem fugir ao extravagante.

O que pode ser posto em causa é a vantagem ou inconveniência de obras d'esse género. Em nosso entender, o cinema possui meios de expressão mais apropriados ao fim em vista. Os desenhos animados, ou os bonecos articulados, por exemplo, levam



Luiza Fazenda, Charlotte Henry e Edna May Oliver nos papéis, respectivamente de Rainha Branca, Alice e «Raiva Vermelha». A esquerda, a mesma cena imaginada pelo desenhador John Tenniel

imaginação das crianças. Muitas dessas obras poderiam revestir interesse para o público de todas as idades. «Alice no país das maravilhas», está nesse caso.

Mas mesmo que assim não succedesse, estamos em crêr que a sua exploração não deixaria de ser rendosa.

Muitos educadores afastam do cinema as crianças que lhes estão confiadas, com o propósito justo de evitar a desordem que o espectáculo dos filmes, reflexo da nossa vida social agitada, pode provocar nos seus espiritos juvenis. A organização de programas especialmente dedicados ao público infantil atrairia, portanto, às salas de cinema grande número de espectadores que delas vivem afastados. Bastaria para tanto que um critério seguro presidisse à escolha dos filmes.

nesse ponto vantagem à representação humana porque dão ao ambiente fantástico maior «realismo». Uma cena absurda interpretada por artistas adquire uma lógica própria se é figurada por um d'esses séres convencionais traçados a negro sobre um fundo branco.

Não queremos negar que o cinema, na sua fórmula corrente, possui admiráveis condições para exprimir o fantástico, o impossível, o maravilhoso. É um facto por demais conhecido e cuja importância muitas vezes temos assinalado. Simplemente: há que estabelecer categorias dentro do fantástico. E o ambiente irreel do «país das maravilhas» pertence a uma que tem tudo a lucrar em ser evocada por processos diferentes.

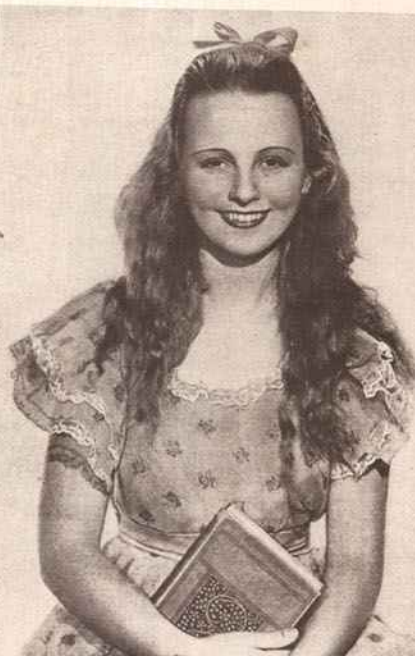
Em todo o caso, o filme tem o grande merecimento de constituir um espectáculo original. Mas deve ser um exemplar e nunca um género.

Tais são as considerações que nos julgamos autorizados a fazer antes de conhecermos a obra.

Ainda a propósito d'esse assunto, cabe falar em filmes para as crianças. O cinema infantil é tão útil e digno de incitamento como a literatura da mesma especialidade. E como esta é também escasso em obras de valor.

Se exceptuarmos os filmes de desenhos animados, algumas películas cómicas e os documentários, vemos que poucas obras restam para a organização de programas destinados aos espectadores infantis. Faltam, sobretudo, produções de certa envergadura dotadas de qualidades susceptíveis de prender a

Charlotte Henry, esculptura entre quasi 2.000 candidatas para interpretar o papel de Alice no filme extrahido da obra de Lewis Carroll



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno e Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

VIDA CHARADÍSTICA

CAMPEONATO INTERNACIONAL DE CHARADISMO

Deu brado a exposição de prémios do C. I. C. que nos seus organizadores, num momento de feliz propaganda charadística, resolveram levar a efeito em duas casas de Lisboa, e constituiu, para leigos e entendidos, a mais exuberante afirmação de vitalidade do charadismo português.

Visitámos essa exposição na casa Custódio Cardoso Pereira, da rua do Carmo, cujo aspecto geral não só nos surpreendeu agradavelmente como nos deixou verdadeiramente encantado, tal o valor, grandeza e variedade dos prémios expostos!

O charadismo marcou e venceu, por esse facto, mais uma vez, a sua existência de forma indiscutível — honra devida a quem levou a bom termo o campeonato, diga-se com justiça.

Aquele conjunto de taças, dispostas a capricho numa mostra, era a reunião — e é bom que todos o saibam — dos esforços e tenacidades indomáveis de um grupo de charadistas moços e empreendedores, que só espíritos verdadeiramente versados na matéria sabem compreender e apreciar.

Da nossa visita colhemos a justificação plena do denodado esforço e interesse com que o C. I. C. se está a disputar e do grande entusiasmo que lavra entre a família charadística.

E, seja-nos permitida uma confissão sincera e que muito nos orgulha: deste Campeonato duas coisas de inegável utilidade surgiram: — tornar cada vez maior o valor do charadismo e mais conhecido o nosso idioma.

APURAMENTOS

N.º 11

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

IGNOTUS SUM

N.º 24

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

JOBEMA (...)

N.º 6

OUTRAS DISTINÇÕES

Micles de Tricles, n.º 25

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 25 pontos:

Aço, Africanista, Alfredo Antunes, Antomar, Bisnau, Edilva, Ferjobatos, Jófete, Lérias, Linda Morena, Márius, Olho de Lince, Pecadora, Pérola Branca, Rei dos Cow-Boys, Rui Helmingo, Rupama, Sácrista, Sinhá Duro, Somel, Tino de Obidos, Veiga, Zé Banana, Zica e Zuraya (todos da T. E. L.); Anastácio, Anguebelo, Fernambelo, Hary, Leirbag, Lengueluca, Miquita, Miriam, V. Lilás, Xicantunes (todos da T. M.); Zé Nabo, Deniz Lima (ambos da T. E.).

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 16. — Ocsav, Mimoca, Viola, Justa, Nérito, Ignotus Sum, (da T. B. C.), 16. — Marco Lino, Carlos Dias, Faro Leiro, 14.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 18

DECIFRAÇÕES

1 — Vali-lia-valia, 2 — Peco-cora-pecora, 3 — Ronco colho roncolho, 4 — Cacozelia, 5 — Garçoa, 6 — FELINO, 7 — Ocioso, 8 — Mistagogo, 9 — Encantador, 10 — Cúneo, — Panturra, 12 — Remanso, 13 Pontoso, 14 Justa, 15 Galhetagata, 16 — Ardente-arte, 17 — Tradição-tração, 18 — Matante-Mate, 19 — Mandinga-manga, 20 — Larapa-lapa, 21 — Bolandas-bodas, 22 — Afirma-ama, 23 — Lídias-Lias, 24 — INIBITÓRIA, 25 — Mulher boa, ave rara.

NOVÍSSIMAS

1) O cofre tem grande quantidade de dinheiro, mas está na posse do tesoureiro, 2-2.

Paços de Brandão Nérito (T. C. B.)

(A memória de meus finados filhos Ivone e Hordcio)

2) A quem que tira o chapêu à passagem pelo vosso túmulo rogo que ofereça um ramo de flores como lembrança triste, 3-1.

Luanda Ti-Beado

(Ao amigo «Reinadio»)

3) Enche-te de alma e jámais terás comiseação por um ser soberbo, 3-1.

Lisboa Vidalegre (S. C. L.)

SINCOPADAS

4) Jesus foi «condenado» para a nossa remissão. E foi Judas que se vestiu de fato negro para o criminar, 3.

Paços de Brandão Justa (T. C. B.)

5) Visão ardente! 3-2.

Lisboa Lérias (T. E.)

METAGRAMA

(Ao ilustre «Bisnau»)

6) Então, se entro numa taberna e engulo meio litro não sou coerente?! — E se puxo de uma faca, mato um homem e escondo o cadáver entre ramagem, o que sou? (4-5).

Coimbra José Tavares

EM VERSO

7) As rosas do meu jardim — 2
Que o Sol beija com pujança, — 1
Parece terem mau «modo»,
Não gostam da... confiança...

Silva Pôrto — Bié Efonsa

(Para ti... «Alma Sonhadora»)

CARTAS...

8)..... Andreza:

Mal sabes o que me vai n'alma, o que eu penso
Da tua resposta, orlada de incerteza,
Que me traz a vogar pelo espaço imenso...

É magna a desolação da minha tristeza, — 6-5
É eu quando me recordo, oh, quando penso,
Naquela que me faz viver na incerteza, — 1-5-3-4-2
Que dá à minha vida um aspecto tão denso!...

Passa-me pela mente a tua formosura,
As tuas meigas mãos de tão fina alvura,
Os teus fulvos cabelos, em ternos lírios!...

Levo uma vida sem rumo e dissoluta,
Lembranças vagas com que minha alma luta, — 6-2
Tôdas se juntam e fazem meus martírios!...

Lisboa Vidalegre (S. C. L.)

ENIGMA EM VERSO

9) Vi-te um dia, formosa donzela,
De beleza sem par, radiosa,
Entre as flores da tua janela,
Dessas flores a flor mais mimosa.

Fiquei louco de amor, deslumbrado:
Mas pensei — Tu não podes amar-me...
Teu amor, para mim, é vedado!...
É a sofrer, resolvi afastar-me.

Mas quanto eu mais além me encontrava
É mais via afastado o teu rosto,
Mais feroz o meu peito rasgava
Duro espinho de intenso desgosto.

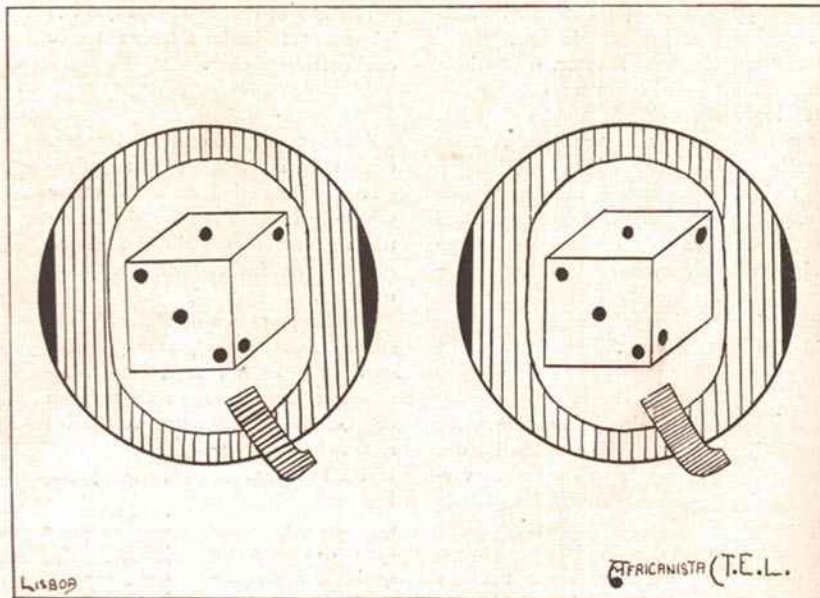
E esta dor que meu peito lacera,
Que me faz delirar e sofrer,
Não consente que eu 'squeça a quimera
Dêste amor, adorada «mulher»!

Lisboa Bisnau (T. E.)

Tôda a correspondência relativa a esta secção
deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da Ilustração, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

13)

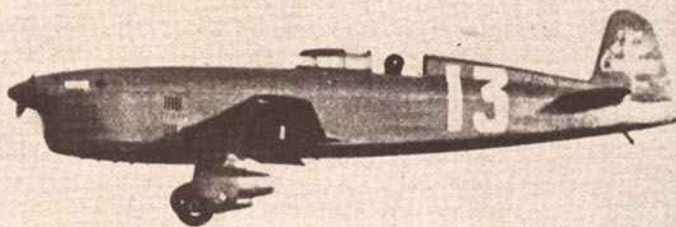
ENIGMA PITORESCO



Lisboa

Africanista (T. E. L.)

Pelas sete partidas do mundo



Aviação feminina

HELENE Boucher, uma jôven e audaciosa avidora francesa, bateu recentemente uma série admirável de «records» mundiais. Num percurso de 100 quilômetros atingiu de 412,308 quil. por hora, excedendo assim o «record» feminino estabelecido por Amélia Earhart, que era de 287,770 quil. apenas. Nos mil quilômetros alcançou uma média horária de 409,200 quil. desapossando Maurice Arnoux do «record» que ele estabelecera há ainda pouco tempo com 393,142 quil. Finalmente, o «record» feminino de velocidade pura foi por ela elevado a 444,261 quil.

A morte dum toureiro



O valente novillheiro granadino Miguel Morilla, «Atarfeño», morto há dias tragicamente numa corrida na praça da sua terra natal. O malgrado toureiro, que estava próximo a tomar a alternativa, prometia ainda prodígios de valôr e de audácia. Nem só a região granadina pranteia a morte dum dos seus filhos mais queridos, mas toda a Espanha, a mesma Espanha que deitou luto pelo formidável «Gallito» e ainda não tinha enxugado as lágrimas que vertera pelo seu Sanchez Mejias.

O nome de «Atarfeño» é dos que se devem juntar, com justo rélevo, à trágica e longa lista dos que perderam a vida no combate da arena, vítimas da sua audácia, da sua coragem e dum momento de infelicidade.

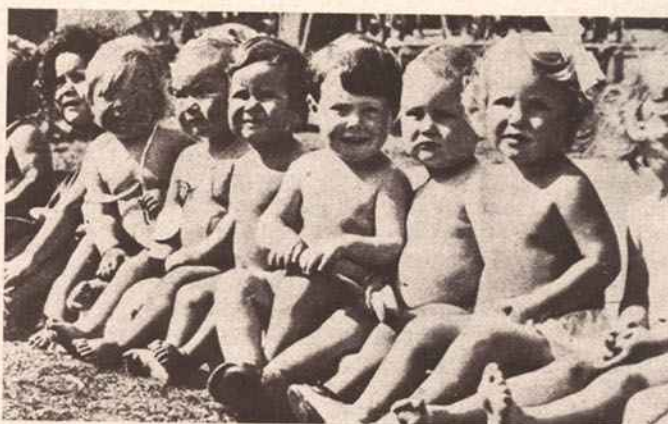
Em fêrias



— E AMANHÃ DE MANHÃ NÃO SE ESQUEÇA DE NOS CHAMAR MAS SEM FAZER MUITO RUÍDO...

(Desenho de Altier no «Dimanche Illustré»)

Um concurso de beleza infantil



NUMA praia do sul da América do Norte efectuou-se, com extraordinário êxito, um grandioso concurso de beleza infantil. Durante a reunião do júri, os candidatos e as candidatas espostas crianças e foram apuradas as sete que se vêem na gravura. Estes concursos são frequentes nos Estados Unidos e a sua prática parece-nos muito louvável. Na realidade, eles representam uma importante contribuição para a cultura física, numa idade em que ela mais proveitosa pode ser. Para desejar seria que a iniciativa tivesse eco no nosso país. Lucrariam com isso as crianças e desenvolver-se-ia no espirito dos pais a ideia de criar filhos robustos segundo os sãos princípios da Natureza. O estímulo resultante da competição teria, em nosso entender, os mais benéficos efeitos na educação física da criança. Aqui fica a sugestão ao dispor dos animadores das praias portuguesas.

Modas excêntricas



QUEM julgar que vivemos numa época de progresso desempoeirado deve ver a gravura que acima publicamos e corrigir os seus juízos. Nela se representa uma beldade norte-americana que, para causar sensação nas praias, não hesita em se fazer tatuar nas costas com os mais fantásticos desenhos. Tal como uma indígena da Papuásia, esta requintada habitante de Nova York, Chicago ou qualquer outro centro de intensa civilização, submete-se de bom grado à tortura na esperança de chamar a atenção de qualquer milionário de gostos extravagantes.



Um monumento a Pierre Loti

Foi inaugurado no Tahiti, num aprazível local a uns três quilômetros de Papeete, um monumento ao grande escritor Pierre Loti, o conhecido autor de tantos livros bellos sobre as suas viagens através do Extremo Oriente. O busto, obra de Philippe Besnard, ficará evocando a obra do escritor marítimo nessa ilha longínqua entre crisantemos, camélias e amendoceiras em flor. O próprio Loti ficará sendo considerado uma flor. Na inauguração do monumento, um côro indígena, constituído pelos melhores cantores da região, entoava o hino do homenageado que começa por estas palavras: «Salvé, Loti; grande homem celebre; salvé, Rarahu, flor do Tahiti!»

Noivado de príncipes



FORAM oficialmente anunciados os próximos esposais do príncipe Jorge, filho do rei de Inglaterra, com a princesa Marina, da Grécia. Afirmam os jornais que se trata dum casamento de amor, facto excepcional e digno de registo em famílias reais. A gravura mostra os noivos durante a sua villegiatura no castelo do príncipe Paulo da Grécia.

Mesmo sem aparelho...



— TENHO UM APARELHO QUE ANHE CARTAS... SEM DEIXAR VESTÍGIO...
— NÃO PRECISO... LÁ EM CASA A MINHA MULHER FAZ ISSO TAMBÉM SEM FICAR MARCA...



o que sem o seu auxílio seria impossível porque seria incompleta a obra. Em todas as obras é necessário o esforço da mulher e do homem porque são tão diferentes as suas missões que só se completam numa união, sem exigências de igualdade absoluta, que nunca poderá existir, porque nem tem cabimento na sociedade, nem daria o resultado que todos esperamos numa nova orientação, que tão bons resultados já está dando. Como companheira, esposa dedicada do colono, a mulher portuguesa tem realizado verdadeiros milagres, mas onde o esforço da mulher brilha com um fulgor sobrenatural é na exposição do resultado do trabalho das irmãs missionárias. A sua missão é sublime e como a desempenham! Trazem para Deus milhares de almas e para o país criaturas que se tornam úteis pelo seu trabalho, feito com uma orientação civilizada, e que é de toda a utilidade. Mas umas adoras que mais impressiona nesse certame, que nos mostra ser a colonização uma realização de milagres é a obra das missionárias franciscanas, de regeneração de criminosas negras. Dessas mulheres

A exposição colonial do Porto tem tido o sucesso que merece. De todos os cantos de Portugal, da vizinha Espanha e até de países afastados, têm acorrido milhares de pessoas de todas as classes sociais, de todas as categorias, e a opinião geral é unânime em declarar a exposição interessantíssima.

Para nós portugueses ela era absolutamente necessária para esclarecer bem o que tem sido o nosso imenso esforço colonial.

Filha dum dos conquistadores do nosso património colonial, que trouxe ao país a submissão de todo o território de além Cunene que até 1915 era português de nome apenas, senti-me comovida, impressionada de ver como tem sido bem aproveitado pelos colonizadores portugueses, o imenso terreno conquistado pelo esforço militar, regado pelo sangue português, território para nós sagrado, que representa a perda de muitas vidas, não só daqueles que em combate com o gentio aguerrido perderam a vida como também dos que perderam nessa conquista, a saúde e vieram a morrer do esforço e da energia dispendidos em climas ásperos, em traçoitos combates e em privações de toda a qualidade a que as operações militares nessas regiões inhóspitas, sem recursos de espécie alguma, obrigam, fazendo da sua conquista uma verdadeira epopeia superior a tudo, por tudo o que representa. Mas é verdadeiramente comovedor ver como esse esforço tem sido aproveitado e como toda a nossa África e todas as nossas colónias do Oriente têm progredido de então para cá. Basta a lição que nos dá de patriotismo e o exemplo do que pôde o trabalho bem aproveitado e bem dirigido para valer a pena visitar essa exposição, que só por si é um documento da boa orientação dos seus organizadores, que souberam fazer uma obra essencialmente portuguesa e patriótica. Mas há na exposição uma nota que muito me impressionou, que foi a homenagem ao esforço da mulher na colonização. Logo na entrada do monumento ao esforço colonial não foi esquecida a mulher e é bem merecida essa homenagem à mulher portuguesa, que sabe acompanhar o colono e auxiliá-lo na valorização do nosso património,

de alma mais negra do que a pele elas conseguem à força de fé em Deus, de resignação, de paciência e de bondade, fazer criaturas que pelo seu trabalho útil e pela modificação do seu carácter merecem viver na sociedade humana. É este um dos esforços que ao lado dos agricultores que têm conseguido tornar férteis tão vastas extensões, dos engenheiros que têm feito portos, caminhos de ferro, pontes, ao lado dos médicos que têm saneado regiões até então inhóspitas e inhabitáveis, torna luminosa, a nossa colonização. Depois do esforço heróico do conquistador militar, o esforço útil do colonizador que torna prático e belo o esforço anterior, segue-se o esforço espiritual das missionárias que com os olhos em Deus fazem uma obra sublime e ao lado da irmã missionária. Sentimos ali o orgulho de ser mulher.

Maria de Eça.

A moda

A nossa Costa do Sol está em plena estação. Florescem as elegâncias de praia e mais do que nos outros anos, nela se nota, a tendência para acompanhar as praias estrangeiras, o exotismo das «toilettes» para praia. Aqui damos às nossas leitoras vários modelos, que as devem seduzir. Vestido de praia em xadrez vermelho e branco. As costas muito decotadas, permite-nos que seja usado para banhos de sol. Um casaco pequeno torna-o confortável nas tardes frescas. Para «yacht» vestido de saia e casaco em sarja branca, chapelinho em palha branca. Acompanha-o um «short» pijama pelo joelho — em sarja branca blusa em seda, aos quadrados azul e branco. Outro gracioso «short» em calção de «shantung» grosso branco, blusa de seda vermelha com pintas brancas para as tardes frescas, casaco em «shantung» branco forrado de seda vermelha às pintas, igual à blusa. Chapéu de palha grossa guarnecido com uma barra de seda às pintas. Para a tarde no Casino ou para as corridas um lindíssimo vestido que favorece imensamente uma figura de rapariga esbelta e delgada.

É para notar que este ano nas corridas de As-

PÁGINAS DA MULHER

cott e Longchamps fizeram a sua primeira aparição, de dia, os vestidos compridos. Duma grande simplicidade têm muita linha. Em «schifon» estampado de cores suaves é acompanhado dum grande chapéu em palha dourada debruado de veludo preto e guarnecido com flores. Para a noite, para as festas do Casino um lindo vestido em tule e «taffetas» cor de rosa. A saia toda em tule é graciosamente guarnecida por aplicações e flores «taffetas». Acompanha-o um casacoinho na mesma seda com as mangas em tule, com guarnições de «taffetas» no estilo da saia. É um modelo de altíssima elegância muito apreciado pelas senhoras de fino gosto e que serve para todas as idades, segundo a cor que se escolher.

Letras japonesas

FELICIANO CHALAV, que visitou o Japão estudando os seus costumes, usos e vida, encontrou nas suas investigações bibliográficas, um livrinho dum poeta do século X, Sei-Ia Chionagon, que foi dama de honor da imperatriz Sadako, e que depois da morte desta se fez religiosa cansada do mundo e das suas pompas. O livro em questão intitula-se «Escritos sobre a almofada», é uma reunião de pensamentos, aforismos e curtos poemas, escritos sobre a almofada de manhã e à noite; e, é a principal obra daquela época. Entre as coisas tristes ela apresenta um quarto conjugal no qual a esposa deu à luz um filho morto, em casa dum sábio onde só tinham nascido raparigas. Esperar com ansia uma pessoa querida, sentir bater, abrir e não ser quem se esperava. No número das coisas detestáveis, a poetisa classifica: os gritos dum criança de peito, no momento em que se quer ouvir qualquer coisa que interessa. Um cão que ladra contra aquele que nos vem visitar às escondidas. A gente que quando se lhe conta qualquer coisa, interrompe dizendo: «Bem sei», o dá uma versão diversíssima da nossa. Entre o que se ouve com surpresa: um genro odiado pelo sogro, uma nora estimada pela sogra, e, um criado que nunca se queixa. Entre as coisas que fazem saudades, a poetisa acha que são: as rosas murchas, o leque do ano passado, as cartas dum pessoa que se amou. As coisas que alegram o coração: rumor de água, quando acordamos de noite e um barco que desce o rio fazendo espumar a água. Entre as coisas de pouco gosto: Ter muitos móveis, falar de mais quando se está com amigos, num pedido enumerar todas as boas qualidades que se possuem. O livro fecha com estes versos, que exprimem bem a brevidade da vida e a eternidade das coisas: «Os meses e os dias fogem; o monte Mimoro fica sempre. Os séculos passam. Em Kioto onde viveu a pequena poetisa não há sinais da sua passagem; mas o monte Mimoro está sempre ali como sentinela vigilante». É interessante este livro que parece feito na nossa época.

Santo Uberto e os caçadores

Como festejar Santo Uberto protector dos caçadores, agora que estamos na sua época? — pergunta o Figaro — Há dois sistemas. O primeiro e o mais natural consiste em calçar botas, montar a cavallo e seguir atrás dos cães um dia inteiro.

É a melhor maneira de honrar este santo. A

mais agradável pelo menos. Há ainda um outro metodo, que se não deve desprezar, porque também têm a sua graça e o seu valor. Rolar um «maple» em frente da vossa biblioteca, se tendes uma biblioteca, e colocar à mão uma preciosa garrafa de velho Porto. Escolher com cuidado na biblioteca e reler sem pressa durante uma hora ou duas os autores que falam de caça desde Xenofonte, a de Fouillet, desde Plínio que adora Minerva ao mesmo tempo que serve Diana. Nas florestas, até Byron, cujo estranho «D. Juan» vós sobre as sebes e os fossos do campo inglês. Evocareis ainda, a terrível Atlante, o orgulhoso Meleagro, Hipólito o feroz e o louco Ascânio e depois todos os reis de todos os tempos, todos caçadores apaixonados e pensai ainda em todos os «dandys» de casaca vermelha que sequegem a matilha. E eis os melhores sistemas de honrar Santo Uberto.

História do nosso tempo

O príncipe Maximiliano de Baden que morreu há poucos anos numa clínica de Constança foi o último chanceler do Império alemão, e foi ele que negociou o armistício e quis a abdicação do Imperador Guilherme. A cena entre o ex-Kaiser e o seu chanceler foi verdadeiramente trágica, porque Guilherme, não conhecendo as condições do seu exército e a situação vitoriosa dos adversários queria resistir até à última.

Quando o chanceler lhe disse que em Berlim havia revolução e o povo cansado da guerra se tinha sublevado contra ele, proclamando a



república, e, a queda da dinastia dos Hohenzolern, Guilherme berrava no paroxismo da cólera: «Insensatos! A tropa está comigo! Amanhã marcho contra Berlim». Mas no dia seguinte os generais declararam ao seu chefe que não havia confiança na fidelidade das tropas e que os soldados em Berlim tinham feito causa comum com o povo. Guilherme ao receber esta noticia ficou fulminado. «Não deveis acender a guerra civil!» disse-lhe o chanceler, príncipe de Baden. O soberano emudeceu. Finalmente ofereceu abdicar de Imperador da Alemanha ficando apenas rei da Prússia. Era uma combinação absurda. Os vencedores da guerra impunham a abdicação de Guilherme. Não havia que discutir. Mas o Kaiser abstinado não queria ceder. Queria ir a Berlim. O chanceler impediu-o. Berlim tó-lo-ia recebido bem mal. Em seguida a novos acessos de fúria e de ira, gritando aos seus generais, ao chanceler a todos que o rodeavam: «Traidores! Traidores! Que vergonha sobre a minha casa. São todos indignos», tomou o comboio e partiu para a Holanda onde tem vivido uma pacífica e serena vida de exílio tornando-se rachador de lenha, como desporto.

O progresso demolidor

Por demolição em Paris uma casa de Neuilly. Com ela vai-se a recordação dum grande escritor. Essa casa tinha um medalhão com a effigie de Teophile Gautier que chamava a atenção dos apressados transeuntes. Um dia, o desgosto de Paris assaltou o poeta. Era demasiado maço. O pouco tempo de que dispunha era absorvido pelos ociosos e pelos curiosos. Refugiou-se em Neuilly, no limite do bosque de Bolonha, numa casinha com jardim. Transferiu para ali a sua morada talvez, porque também ali habitavam os dois directores do «Monteur» onde publicava os seus artigos literários. Levou com ele as suas irmãs, as suas filhas, os seus animais: um cão, um gato, um papagaio e ratos brancos. Era pequena a casa e muito modesta. O aluguer era de 1.400 francos por ano, mas o jardim era verde e bem sombreado. A mobília era do estilo que florescia no tempo de Luís Filipe. O quarto de cama, que servia também de escritório ao poeta era dividido por uma cortina, que lhe permitia isolar-se. Junto da janela, num canto a que chamava o seu «pensadouro» escrevia numa carteira de colegial. Alexandre Dumas, filho, era seu vizinho, tinha vindo morar para Neuilly para estar próximo de sua mãe. Todas as semanas, Dumas recebia os seus amigos e em volta daquela mesa de jantar o prato mais fino que servia era a conversa brilhante de Teophile Gautier. Entretanto, rebentou a guerra franco-prussiana. A França invadida, o Império caído. Gautier teve um grito. «Perem a mãe, caro!» Refugiou-se nas muralhas de Paris cercada nas torres de Uginolo com dois milhões de estoqueados e escreveu capítulo por capítulo os seus quadros do cerco, que diziam tudo o que queria esconder aquele génio, de patriótica emoção, ele que se accusava de impassibilidade! Voltou a paz, assim que voltou também ele à sua casinha de Neuilly. Ali casou a sua segunda filha, Estela. A mais velha Judith foi infelicíssima no seu casamento. Desde então o poeta só viveu para o passado. Sentia que tudo estava acabado. Depois de quarenta e dois anos de trabalho, o pobre Gautier sentia que o cérebro e o corpo



enfraqueciam invadidos pela sombra fatal que nada pode fazer parar. Em 23 de Outubro, sem sofrimento, durante o sono, morreu. Tinha apenas sessenta e um anos. Sobre a casa vasia, o mobiliário tinha sido espalhado, colocou-se um busto do escritor, que desapareceu com a casa. Agora foi a casa Gautier invadida será a de Musset, mas ficarão sempre as obras vivas e interessantes. Tudo passa, só a arte verdadeira é concedida à imortalidade. E Teophile Gautier conquistou-a à força de valor de génio e de originalidade.

Sabeis que...

- ... a Groenlandia é quatro vezes maior do que a França?
- ... a produção automobilística dos Estados Unidos em 1928 foi de 4.650.000 carros?
- ... as velhas oliveiras da Califórnia, plantadas há quatro séculos pelos primeiros missionários dão ainda excelente colheita?
- ... as lâmpadas de pedra usadas pelos esquimós para se alumiar se parecem imenso com as que usavam os Etruscos?
- ... as cascatas e os rios dos Estados Unidos podem produzir uma força de 55 milhões de cavalos?
- ... em Londres vive um matemático cego, o qual executa os mais complicados calculos depois de conhecer os dados pela escrita Braille?
- ... segundo o célebre sábio indolês Sir Arthur Keith há em Inglaterra 5.000 idiotas microcefálos, cujo cérebro pesa menos do que o dum macaco vulgar?
- ... os Indianos Navajer, foram providos de medalhas de identidade para poder provar a sua proveniência da rica tribo e manter os seus direitos de propriedade?
- ... alguns sábios calcularam que o diâmetro terrestre ao principio de 8.800 quilómetros subiu mais tarde a 12.760 para depois baixar ao actual de 12.640?
- ... muitas das estatuétas encontradas nas ruínas de Babilónia e outras zonas orientais eram votos pela nascença dum filho?
- ... os pilotos que sobem a altitudes com uma temperatura de 71 graus abaixo de zero, untam o corpo com gordura, como os nadadores e depois vestem um «maillo», três andames de lá, um fato em lã e o casaco de aviador em couro?
- ... no tumulo de Faraó Tutankamen apenas se encontrou um pedaço de chumbo, todo o resto era ouro?

VIZELA

A RAINHA DAS TERMAS

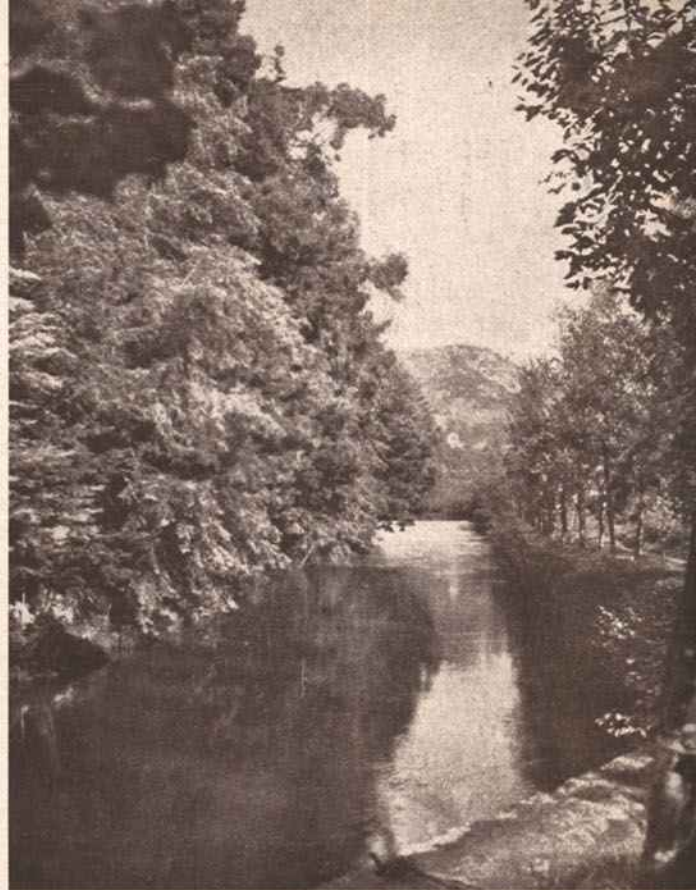
RAZÃO de sobra tinha quem pela primeira vez classificou a encantadora Vizela de Rainha das Termas Portuguesas. Duas vezes rainha, dizemos nós, e bem justificadamente, porque se de facto as privilegiadas águas termais desta Estância, pelas suas excepcionais qualidades terapêuticas a colocaram com inteira justiça, no primeiro plano entre as suas congéneres, estrangeiras ou nacionais, não é menos certo também que as belezas naturais da região em que se encontra tiveram dela um dos mais aprazíveis encantos turísticos do País.

Encravada no coração ridente do Minho, a pequena distância dos mais importantes centros do Norte, cortada de boas estradas em todas as direcções e com um bom serviço de comboios de ferro, Vizela tem visto aumentar constante e consideravelmente o numero dos seus visitantes e, não é aventurado afirmar que quem por aqui passe pela primeira vez na firme intenção de voltar tois e tantas as maravilhas que a Natureza por cá prodigalizou.

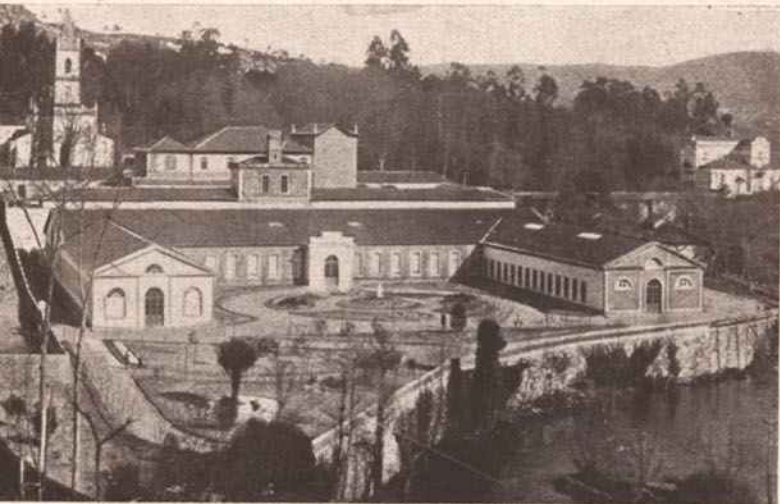
Destaquemos em primeiro lugar a acção da Companhia dos Banhos que não tem limitado a dirigir os complexos serviços do seu estabelecimento termal justamente considerado por quem de direito o mais importante de Portugal, antes promovendo festas brilhantes no magestoso parque, sua propriedade, auxiliando todas as iniciativas tem largamente contribuído para o progresso e desenvolvimento deste abençoado

balneário em 1870 e que tem vindo transformando-se constantemente até ter atingido a sua actual perfeição que o tornou o mais grandioso e melhor de todo o Paiz e ainda difficilmente igualado pelos mais conceituados por esse mundo fora.

As ricas nascentes das águas sulfuradas sódicas são multiplas divergindo entre si pelas respectivas temperaturas e percentagem sulfurosa de cada uma. Brotando na baía do rio Vizela formam vários grupos de que se destacam a da Lameira, do Médico, do Rio e Mourisco. As captagens e subsequentes canalizações que as conduzem aos balneários têm sido feitas com tal meticulosidade que elas chegam às suas applicações tal qual brotam das rochas de emergência, facto este scientificamente reconhecido



O Rio Vizela banhando o Parque. A' esq. O grandioso estabelecimento termal



torrão da terra portuguesa. A Comissão de Iniciativa e Turismo, dentro dos seus legais embora acanhados recursos vai colaborando com efficacia nesta obra de interesse mais que regional por isso que se tomou nacional e as demais cooperuções e entidades prestam também o seu concurso para que Vizela progreda e prospere, no interesse geral.

Data de 1774 a descoberta destas termas, cuja origem vem de remotas eras, tendo-se iniciado o seu

Pavilhão no Parque



por indiscutíveis autoridades, como o Director do Laboratório Químico da Universidade de Coimbra, dr. Santos e Silva, e ainda recentemente pelo professor Armando Narciso, inspector das águas minerais que certificou que a captagem nas fontes, armazenagem e condução das águas para os banhos está dentro dos mais rigorosos principios da técnica actual, assim como a compressão das águas para as pulverizações e inhalações.

Pormenor curioso que devemos pôr em relevo: nas tubagens de chumbo, único metal que estas águas não corroem, estão enterrados nada menos de oitocentos mil escudos!

O Balneário de Vizela, aberto todo o ano, está modeladamente apetrechado para todas as applicações hydrologicas instalações estas que se aperfeiçoam constantemente, acompanhando assim as evoluções que a ciência aconselha. Existe ainda um outro balneário adjacente destinado às classes modestas e pobres, mas abastecido pelas mesmas águas e na margem esquerda do rio o Estabelecimento Termal do Mourisco.

A juntar a tudo encontra o banhista, para sua maior comodidade no grande Balneário, uma cantina bufete servindo também pequenos almoços, engraxadoria, tabacaria, barbearia e «manucure».

Passamos ao Parque, incontestavelmente o mais vasto, melhor arborizado e mais pitoresco de todo o Paiz. O frondoso arvoredo que recorta as suas largas avenidas, o seu vastissimo lago que pequenos barcos de passeio sulcam em todas as direcções e o sinuoso rio que o banha e cujas margens são enternecedoras, fizeram d'ele o ponto forçado de reunião de banhistas e visitantes que ali encontram ainda campo de jogos, ring de patinagem, court de tennis, diversões para crianças, um pavilhão com bilhares e mesa de jogos de vasa e onde se realizam amiúde chás dançantes, concertos musicais e bailes ao ar livre.

As festas aqui efectuadas há pouco tempo revestiram-se de excepcional brilhantismo e de um acentuado cunho de requintada elegância e distincção.

GRANDE HOTEL CRUZEIRO DO SUL

Destaca-se este hotel pela selecta clientela que o frequenta, recrutada nas melhores classes da socie-

dade. Instalado num espléndido edificio que um vasto e bem arborizado jardim contorna, abrigando-o das poeiras e em communicação directa com o balneário oferece assim comodidades que em outra parte se não encontram.

Primoroso o serviço de mesa, completo o dos quartos, dá inteira satisfação aos seus hospedes e visitantes que têm ainda o desafogo de tomar as suas refeições nos jardins profusamente iluminados onde ameudadas vezes se realizam brilhantes e animadas festas.

Dispõe de orquestra privativa que toca durante as refeições e nos bailes do salão, e ainda de uma garage para quarenta carros.

GRANDE HOTEL UNIVERSAL

Instalado em edificio próprio, na rua central de Vizela, portanto muito próximo do balneário, tem-se



O terraço do Cruzeiro do Sul

imposto pelo conforto e comodidades que proporciona tanto aos seus hospedes, como aos seus visitantes. Dispõe de uma espléndida sala de jantar e de um vasto terraço profusamente iluminado onde se servem jantares ameudadas vezes.

Possui o Universal vastos salões para festas, salas de jogo e ainda uma garage onde pode recolher vinte automóveis.

Os seus inexcusáveis serviços de mesa e os dos quartos obedecendo aos mais rigorosos preceitos higienicos demonstram claramente o *savoir faire* do seu director e proprietário que soube conquistar para o seu hotel um lugar de destaque entre os seus congéneres de Vizela.

Santo Tirso

A pérola do entre Douro e Minho

PELA via férrea, de comboio, ou pela estrada, de automóvel, deparavam-se nos ao entrar no Concelho extensas planícies cultivadas palmo a palmo, carregadíssimas êste ano as videiras que nos dão o incomparável vinho verde-especial e justamente afamado desta região, largos campos onde crescem os loiros milharais, descortinando-se aqui e além as altas chaminés de várias fábricas que proporcionam trabalho a milhares de obreiros e ainda, de um lado e outro, panoramas deslumbrantes que fazem esquecer quaisquer outros que nos tenham impressionado.

É assim é Santo Tirso — a sua agricultura em pleno desenvolvimento, cuidada a terra com esmerado carinho, as suas indústrias de que se destacam a fiação e tecelagem apresentando modelares instalações sob os aspectos técnico e social e um centro de turismo que dificilmente poderá ser igualado.

Moderna e elegante a vila, com as suas largas ruas, belos edifícios e vários estabelecimentos que ficariam bem em qualquer grande cidade, deveras pitorescas as paisagens que a rodeiam e ainda surpreendentes e encantadoras as margens do rio Ave que a atravessa de lado a lado.

É assim é Santo Tirso, a Pérola do Entre-Douro e Minho...

único que sobreviveu á reconstrução cientista, e que está classificado como monumento nacional. A galeria inferior pertence á reedificação que

*Quem tem sede vai beber
Quem tem calor vai nadar..*

A três quilómetros de distancia está o estabelecimento termal das Caldas da Saúde, de ricas águas sulfúreas, com um balneário modelarmente apetrechado, dispondo ainda de um bom hotel, recentemente reconstruído e modernizado, proporcionando todo o conforto e comodidades aos seus clientes.

Há ainda digno de se ver a Escola Agrícola, a Igreja românica de Roriz, que foi restaurada é a considerada também nacional e a ponte pensil da Trofa, única no seu género em Portugal.

Possuiu Santo Tirso, um grupo de Sapadores de Caminhos de Ferro, Liceu Municipal, uma Assembleia, duas corporações de bombeiros, com excelente material, um cinema sonoro, colégios particulares, bom saneamento, água abundante, estações telegráfica e telefónica e boas estradas cortadas em todas as direcções, permitindo como-



Um trecho do claustro do Mosteiro. Em baixo: o balneário das Caldas da Saúde

O MOSTEIRO BENEDICTINO

O mosteiro que hoje representa uma das mais atraentes curiosidades de Santo Tirso e, sobre cujas origens remontando a longínquas datas, os seus cronistas divergem, tem á sua frente uma igreja,



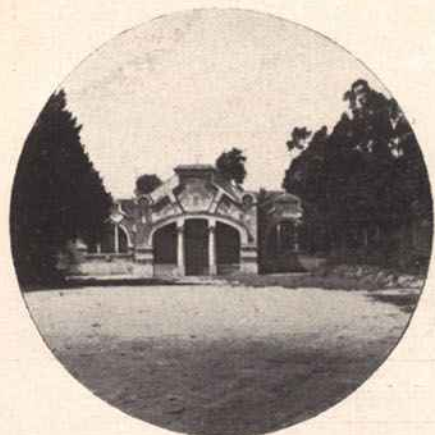
Estrada da Senhora da Assunção

hoje a Matriz, que dá para uma praça tendo á frente um cruzeiro de granito.

O claustro conta vinte e sete metros de comprimento por vinte de largura e é constituído por quatro lanços abertos em arco e sustentado por cento e vinte duplas colunas cujos capiteis, todos absolutamente diferentes, mostram em relevo diversas cabeças humanas e de animais vários, como a harpia e o lião e ainda outros caprichosos ornatos, trecho êste que, ao que parece averiguado, foi o



A igreja de Roriz, monumento nacional



se iniciou em 1860 e a superior data do século XI, segundo alguns e do século XII, segundo outros.

Das paredes do claustro pendem vários retratos de reis, príncipes, monges e bemfeitores, destacando-se de entre eles, por merecerem fé histórica, os de D. Sebastião, cardinal D. Henrique, rainha D. Catarina e Papa Pio VII.

Por todas estas razões impõe-se ao forasteiro uma visita ao Mosteiro Benedictino.

De leste para sul ergue-se o monte Cordova, a 500 metros de altitude, montanha inteiramente coberta de luxuriante vegetação, berço do rio Leça que vai desaguar perto de Leixões, encimado pelo bosque de Nossa Senhora de Assunção, frondosamente arborizado, com as suas quedas de água, e a que a monumental Basílica, obra sublime de Korrodi, dá especial e místico relevo. De ali abarca a nossa vista léguas e léguas em redor, todo o encantador vale do rio Ave, para o lado do mar as praias da Póvoa e Vila do Conde e terra dentro as serras do Sameiro e da Falperra e a torre da Lapa, no Porto.

Com uma esplêndida estrada trabalhada na montanha tornou-se bem fácil o acesso á Senhora da Assunção, a maravilha das maravilhas.

Duas palavras, que bem as merece, sôbre o rio Ave, um dos mais encantadores da nossa terra. As margens cobertas de freixos, salgueiros e amieiros, deixa-se prender aqui por um açude que faz subir o seu volume de forma a permitir que os pequenos barquitos de recreio o sulquem á vontade, mais além faz mover ininterruptamente uma azenha que passa a vida triturando o trigo com que se há-de amassar o alvo pão e proporciona ainda deliciosos banhos aos rapazes da terra. Lá diz, e com carra-das de razão, o velho cancionista de Santo Tirso:

*À beira do rio Ave
É um regalo morar*



Margens do Ave

damente uma viagem que se faz do Porto em 25 minutos, da Póvoa em 40, da Trofa em 15, de Vizela em 20, de Guimarães em 30, de Famalicão em 15, de Barcelos em 45 e de Penafiel em 55.



A igreja e os Paços do Concelho

Palavras cruzadas

(Problema)

	1	2	3	4		7	8	9	10	
22		11		5	6					41
29	23		12							40
30		24		13						39
31			25		14					38
			32	26			37			
			33				44			
27	28			19	20		45	42		43
34				18			48			46
35			17				49			47
36			16						50	
			15							21

Verticais:

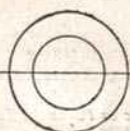
1. — artigo. — 2. de qualidade inferior, pouco recomendável. — 3. 1.^a ou 3.^a pessoa do singular do presente do conjuntivo dum verbo que exprime afecto. — 4. óro. — 5 agastamento, arufo infantil. — 6. que tem um preço elevado. — 7. grande porção de água cercada de terra. — 8. nome feminino. — 9. instrumento que tritura o grão. — 10. artigo. — 16. pronome reflexo. — 17. possui. — 18. lugar de repouso. — 19. 1.^a ou 3.^a pessoa sing. do presente conjuntivo dum verbo da 1.^a conjugação — 20. provocar a cólera. — 22. veste-se com esplendor, desloca uma articulação. — 23. 3.^a pessoa do sing. do presente do indicativo dum verbo que significa fazer catequese. — 24. nota de música. — 25. ofício. — 26. pronome pessoal. — 27. recipiente de pano ou de outra substância maleável. — 28. poeira. — 37. utensílio. — 38. numeral cardinal. — 39. imperativo do singular dum verbo da 2.^a conjugação. — 40. rochedos perigosos para a navegação. — 41. vício ou defeito hereditário. — 42. artigo. — 43. sentimento. — 48. argolas, élos metálicos. — 49. órgão locomotor das aves. — 50 conjugação disjuntiva.

Horizontais:

1. gostar profundamente. — 7. terra molhada. — 11. posto em perigo. — 12. tritura. — 13. metal. — 14. nada, nada. — 15. divisa. — 16 medonho, terrível. — 17. fruto. — 18. produto animal. — 19. 3.^a pessoa sing. presente indicativo verbo 3.^a conj. — 21. nome masculino. — 27. base dum monte. — 29. artigo indefinido. — 30. incógnita. — 31. parte do mundo. — 32. parte dum navio. — 33. pronome pessoal. — 34. período de tempo. — 35. advérbio de lugar. — 36. artigo. — 37. parte do corpo humano. — 38. mirrada. — 39. casa onde habita a família. — 40. advérbio de lugar. — 44. lamento. — 45. comida. — 46. ruído. — 47. sem companhia.

Passa tempo

Traçar este diagrama sem levantar o lápis do papel, nem passar duas vezes pelo mesmo ponto.



PUM DE PESTA



Onde está a mulher do pescador?

Problema de xadrez

(Solução)

Lance inicial: B — 5 CD

Se P.: C — 6 D+ Mate por B x C +
 C — 6 R T — 4 BR +
 C — 4 R C — 6 D +
 C — 3 B R D x PR +
 P x B D — 8 TD +
 P — 6 D D — 4 BD +
 P — 4 R C — 5 CR +
 Qualquer outro B x P +

Humor inglês



O marido (que acaba de chegar a casa): — Ah! não há luzar melhor que a nossa casa.
 A esposa: — Aconteceu-te alguma coisa muito desagradável lá no Grémio?

(Do «Punch»)

Bridge

(Problema)

Espadas — 5, 2.
 Copas — 8, 4.
 Ouros — 10.
 Paus — 9, 3.

Espadas — 4. N Espadas — D. 10.
 Copas A. 6. O Copas — 2.
 Ouros — R. 5, 3. S Ouros — — —
 Paus — 8. S Paus — R. 10, 5, 4.

Espadas — R. V.
 Copas — D. 7.
 Ouros — — —
 Paus — A. V. 6.

Trunfo é copas. S é mão. N e S devem fazer cinco vasas.

(Solução do número anterior)

S joga espadas e O deixa passar, mas N pega com o az e joga trunfo. E deita o três ficando assim o cinco firme e O balda-se a oiros. N joga o rei de oiros que S cobre com az, jogando em seguida trunfo para apanhar o último trunfo de E.

Se O se baldar aos seus últimos ouros, N baldar-se-á à dama de ouros; se O se baldar ao rei de espadas, N baldar-se-á ao oito de paus; se O se baldar a paus, N baldar-se-á ao valete de espadas.

Os dez tentos

(Solução)

O diagrama mostra como os tentos se podem colocar para formarom 16 filas que, tanto horizontal como vertical e diagonalmente, dêem uma soma par.

	*	*	
*	*	*	*
*	*		
	*		*

As carpideiras

O costume das carpideiras é tão antigo como a própria humanidade e vamos encontrá-lo em todas as religiões, as mais diversas. Os cortejos fúnebres da antiga Grécia tinham as suas carpideiras como os da Roma antiga, e antes disso ainda, os do Egipto dos faraós. Tanto aqui como lá formavam uma casta religiosa áparte. Mais tarde, tornaram-se mercenárias e podia avaliar-se até certo ponto, a opulência das famílias da Roma decadente, pelo número de carpideiras que acompanhavam os carros murtuários dos membros dessas famílias. Nos nossos dias, o costume das carpideiras tem-se mantido mesmo fora das regiões exóticas e nalguns países muito civilizados, especialmente em numerosas ilhas grêgas, na baixa Itália e na Corsega.

Nunca te fies duma mulher distraída, pois é um lince que te está observando.

La Buise.

Grande sucesso literário

À VENDA O 3.º MILHAR

É A GUERRA

Diário da grande conflagração europeia

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 304 págs., brochado . . . **12\$00**
encadernado **17\$00**



PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA



Tonturas, abatimento e dores de cabeça no verão, são a consequência da intensa irradiação solar.

A Cafiaspirina traz pronto alívio a esse mal-estar, descongestionando sem atacar o coração de forma alguma.

Cafiaspirina

o produto de confiança!



PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças
— Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. —
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modes — *Vogue* — *Femina* — *Les Enfants* — *Lingerie* — *Les Ouvrages* — *Les Tricots* — *Modes et Travaux* — *Mode Future* — *Weldon's Ladies Journal* — *The Lady Fashion Book* — *Die Dame*, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESSES E BELGAS

Acceptam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Obras de BLASCO IBAÑEZ

A adega , tradução de E. Sousa Costa — 1 vol. de 342 págs., brochado	10\$00
A catedral , tradução de Vasco Valdez — 1 vol. de 338 págs., brochado	10\$00
Cortêsã de Sagunto , tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 332 págs., brochado	10\$00
Por entre laranjeiras , romance, tradução de Morais Rosa — 1 vol. de 290 págs., brochado	10\$00
Flor de Maio , romance, tradução de Joaquim dos Anjos e Mário Salgueiro — 1 vol. de 206 págs., brochado	10\$00
Jesuítas , sensacional romance, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 340 págs., brochado	10\$00
Os mortos mandam , novela, tradução de Napoleão Toscano — 1 vol. de 324 págs., brochado	10\$00
Oriente , tradução de Ferreira Martins — 1 vol. de 256 págs., brochado	10\$00
No país da Arte , tradução de Ferreira Martins — 1 vol. de 274 págs., brochado	10\$00
Terras malditas , tradução de Napoleão Toscano — 1 vol. de 234 págs., brochado	10\$00
Touros de morte , tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 384 págs., brochado	10\$00

Estas obras encadernadas em percalina com ferros especiais, cada volume 15\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL, NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFORS E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	15\$00
ELAS E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Confe- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe- rência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80-LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75-LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção

de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitui um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campós, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
" " " " " carneira 190\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75-LISBOA



O MUNDO na MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

ACABA DE SAÍR

a 2.ª edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral, reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências,
das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM ÚNICO VOLUME, manuseável, de formato cômodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa



Dormir

Um sono calmo e reparador é o principal factor para a beleza e a saúde.

Nessas horas de repouso, os olhos recuperam o brilho e o corpo fatigado recupera a força.

Os nervos exaustos são acalmados e restaurados e novas energias são creadas, para o trabalho do dia seguinte

O sono torna-se calmo e natural bebendo antes de se deitar uma chavena da deliciosa OVOMALTINE. Não ha nenhuma bebida alimentar de mais facil digestão ou rica em qualidades nutritivas e restauradoras do cerebro, nervos e corpo.

OVOMALTINE

é a saúde.

À venda em todas as farmacias, drogarias e boas mercearias, em latas de 110, 250 e 500 grs. aos preços de 9\$50, 18\$00 e 34\$00.

DR. A. WANDER S. A. BERNE

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.ª (Irmãos)

Rua dos Correios. 41, 2 - LISBOA